

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. —
Trimestre 13000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 7. — SABBADO, 13 DE FEVEREIRO DE 1835.

PROVINCIAIS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 25100
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000 rs.

REVISTA POLITICA.

Todos os órgãos do jornalismo diário contem apreciações mais ou menos exactas ou verosímeis da actual situação politica da Europa; porem, noticias não as dão, porque não as ha, salvo alguns boatos vagos ou de fonte suspeita. O facto incontroverso é que temos em Paris conferencias diplomaticas, que se instaurariam, segundo a voz geral, no dia 20 do corrente.

A origem dos congressos diplomaticos é inteiramente moderna (escreve a *Presse*): data do tratado de Westphalia, que assentou as bases de um novo direito publico europeu: pelo menos assim o ensinam todos os compendios d' historia. Mas, querem saber quanto foi modificado depois do tratado de Westphalia o pertencido equilibrio europeu?.. Corram os olhos pela lista dos principaes congressos modernos; pouco menos extensa é que a dos concilios da idade media.

Congresso de Munster e de Osnabruch, de 1644 a 1648. Estas cidades tinham sido designadas pela França para ali se discutirem numerosos interesses politicos e religiosos, suscitados pela guerra dos trinta annos.

Congresso dos Pyreneus em 1659. Celebrou-se na ilha dos Faisões no meio do Bidassoa. A França foi representada pelo cardeal azarino. Ao cabo de vinte e cinco sessões assignou-se a paz, e ajustou-se o casamento de Luiz 14º com a infanta Maria Thereza.

Congresso de Oliva em 1660, onde se trataram somente interesses relativos ao norte da Europa.

Congresso de Breda, 1667. Póz termo á guerra que os paizes Baixos, a França e a Dinamarca moviam á Inglaterra; regularam-se no tratado superveniente os interesses das diferentes potencias nas Indias occidentaes ou colonias americanas. Os direitos de transitio na entrada do Sund já foram gravemente discutidos n'este congresso que é exclusivamente maritimo.

Congresso d'Aix-la-Chapelle em 1688. Em resultado da guerra entre a França e a Hespanha Luiz XIV fica com a Flandres e restitue o Francho-comté.

Congresso de Colonia, 1673. Foi dissolvido por motivo das violencias praticadas pelo embaixador do imperador de Allemanha contra o representante do elector de Colonia.

Congresso de Nimegue, 1678. Deu a paz á Europa apoz uma guerra em que já começava a delinear-se a coalisção que posteriormente havia de figurar tanto, assim nas campanhas como em os tratados.

Congresso de Francfort e depois de Ratisbona, de 1681 a 1682. As empolgações de Luiz XIV originaram uma liga offensiva e defensiva, convencionada na Haya entre a Hollanda, diferentes estados da Allemanha, a Suecia e a Hespanha. O congresso que se abriu em Francfort sendo

quebrantado pela França foi transferido para Ratisbona, onde teve por conclusão uma tregua de vinte annos, que comtudo durou por poucos.

Congresso de Riswick, 1697. Sendo instaurado pela Suecia intervindo como medianeira entre a França e a coalisção, n'elle se dirigiram as negociações pelos principios consagrados nos tractados de Westphalia e de Nimegue. concluindo-se pela assignatura de paz geral.



O general de Ponteves.

Congresso de Utrecht, de 1712 a 1714. Póz termo á guerra de Successio d'Hespanha, e deu lugar a oito tractados de paz distinctos, em que intervieram a França a Hespanha, Inglaterra, a Hollanda, Portugal, e a Saboya.

Congresso de Baden em 1714 e de Hunover em 1715; foram conferencias secundarias onde se regularam os interesses dos estados allemães.

Congresso de Passarowicz, 1718. Tratou sómente de negocios relativos á Turquia.

Congresso de Lambay em 1722. Concluiu a paz entre Hespanha e Austria sob a intervenção d'Inglaterra e França.

Congresso de Soissons, 1728, não passou de enredos diplomaticos.

Congresso de Niémecrow em 1737; era relativo á guerra dos turcos.

Congresso d'Aix-la-Chapelle em 1748, terminou a guerra de successão d'Austria.

Congresso de Habertsburgo em 1762 e 1763, e de Teschen em 1779; foram nascidos do antagonismo entre a Prussia e a Austria; referiu-se á guerra denominada dos sete annos.

Congresso de Paris em 1782. N'elle terminou por mediação da França a guerra da independencia dos Estados Unidos contra a Inglaterra.

Congresso de Versalhes em 1784;ahi é a França medianeira entre o imperador José 2.º e os Paizes-Baixos.

A serie dos congressos celebrados depois da Revolução franceza começa pelo de Rastadt, aberto aos 9 de dezembro de 1797, e que só teve em resultado o assassinio dos dois plenipotenciarios francezes a 28 d'abril de 1799. Seguem-se, o congresso d'Amiens em 1801 e 1802, em virtude do qual assignou-se um tractado de paz de França com Inglaterra. O congresso de Erfurth em 1808, que é propriamente fallando uma assembléa de soberanos, por quanto,ahi figuram, com os enviados plenipotenciarios das outras potencias, os imperadores Napoleão e Alexandre, os reis da Saxonia, da Baviera, do Wurtemberg, o da Westphalia, Jernymo, o grão-duque Constantino, e o principe Guilherme da Prussia. Este congresso não teve outro resultado senão concluir-se a paz entre a França e a Austria, e ajustarem-se convenções que permaneceram secretas entre os imperadores Napoleão e Alexandre.

Resta-nos ainda citar os seguintes: Congresso de Chatillon pelos alliados em fevereiro e março de 1814 durante a campanha de França.

Congresso de Vienna em 1814 e 1815, onde as potencias alliadas remodelaram o mappa politico da Europa.

Congresso de Aix-la-Chapelle em 1818, onde a França foi admittida á santa aliança.

Congresso de Verona em 1822, no qual se decidiu que a França entraria com um exercito na Hespanha para restabelecer o poder absoluto de Fernando VII.

Os congressos celebrados desde 1815 tem um caracter particular; o seu intuito era prevenir e ajustar sem effusão de sangue os interesses politicos das grandes potencias.

Continua.

M.

A INSTRUÇÃO PÚBLICA EM PORTUGAL.

CAPÍTULO II.

DO CLERO E DA SUA INFLUÊNCIA SOBRE A INSTRUÇÃO.

II

Em quanto Augusto conserva o Imperio Romano e intenta empolgar nas garras das suas aguias o dominio de todo o mundo conhecido, um filho do povo, um homem sem posição na sociedade, e que não adquirira lugar nos archivos nacionaes se não fosse um capricho imperial; um pobre filho de artista se prepara para oppôr um outro maior poder ao que então assombrava os povos, arrancar-lhe o governo das almas, e conquistar com a palavra tudo o que então se conhecia de terras, e o que mais ao diante havia de engrandecer-lhes os limites.

Este homem é Christo, o unguido do senhor, o filho de Deus o gerado da Virgem: esse artista é a idéa de paz, que nasce por entre os arruídos das guerras, o pensamento, que despedaça as cadêas da obscuridade e que vae, forte com o seu poder, derrubar os ídolos e prégar a fé.

Mal ferida e porfiada devia de ser a batalha dada entre esses dous princípios; o novo e o velho. O mundo de ficções e idolatria, que se desmoronava com pavoroso estrepito, ameaçando sepultar em suas ruínas o que nascia valoroso, mas recente e debil; o novo mundo, o do christianismo, que succedia a empoeirada herança de quarenta seculos e que sobesahindo aos destroços da antiguidade formava d'elles o magestoso pedestal, base da preponderancia inconcussa, que havia de ter sobre as gerações futuras.

Assim, rios de sangue marcaram com letras vermelhas os feitos dos dous combatentes: todavia as armas eram desiguales e o triumpho não podia ser duvidoso por muito tempo. De um lado a oppressão, a violencia, o ferro e o supplicio; do outro a submissão, o soffrimento, a abnegação e o martyrio: mas de um lado o cadaver querendo succudir debalde o sudario de vermes e do outro o pensamento reagindo contra a ignorancia; a emancipação das classes opprimidas, a fraternidade e o amor.

Dez grandes perseguições, combates sangrentos, que foram outras tantas victorias para a nova religião são os periodos d'esta lucta. Nero, Domiciano, Trajano, Adriano, Severo, Maximino, Decio, Valeriano, Aureliano e Diocleciano, que lhes legaram os seus nomes, são os instrumentos execrandos de que se serviu o Omnipotente para radicar a doutrina de seu filho, planta mimosa, que grandes sacrificios precisavam alimentar, e que, como a Phenix do paganismo, devia surgir mais vigorosa das cinzas dos seus seguidores.

E assim era. Novos feitos de maior valia, se seguiam ás perseguições e de cada vez o principio se generalisava mais, um maior numero de campeões vinham render os que tinham cedido, e as fileiras do Christianismo, não rareavam nunca, mas antes engrossavam-se, e cresciam.

Depois da primeira, a sentença contra Pedro e Paulo, faz estimular os povos crentes e redobrar-lhe o ardor, o Apocalypse, livro cheio de mysterios de grandeza; que se succede a outra, dota a nova Igreja com um thezouro impagavel. Simão e Ignacio accrescentam os seus nomes á lista dos martyres e ennobrecem os seus archivos, e depois de outra Paulo o Eremita lança as primeiras raizes ao Eremiterio da Thebaida, fonte de virtudes sublimes, que hão de pasmar o mundo.

Quatro mil annos de façanhas lavradas nos manuscritos, admiradas pela tradição, exaltadas pelos monumentos, cahiram quasi de repente: e um homem crucificado entre dous ladrões, uma duzia de pescadores de um lago, que apenas se apercebe nos mapps, alguns homens pasto das feras e reputados em menos do que saltadores, substituíram a isso tudo, um outro edificio de alicerces tão solidos, que nem os cataclismos do universo, nem as revoluções dos povos poderam derrubar ainda.

É que a espada, como a foice, pode segar a planta daninha mas não lhe arranca as raizes, nem a inhabilita de reproduzir-se: mas a palavra, a convicção é a boa semente, que apenas cahe na terra cresce desassombada, e affoga aservas más, que vegetam em redor, com os abraços valentes das suas raizes robustas.

É que o homem, similhando o Creador, e animado com particulas suas, não podia ser affeioado pelo ferro, como a pedra; educado á força, como o vegetal; nem sujeito e domesticado pela fome e pelas privações como o irracional: distincto do resto da criação pela alma e pela intelligencia, só por meios, que fallassem á intelligencia e á alma podia ser levado e levado de forma, que não abandonasse em breve o trilho, que lhe ensinasse.

Christo dissera: ide e ensinae as nações; e as nações sujeitaram-se pelo ensino, submetteram-se pela civilização; seculos depois Mafoma disse: ide e dominae as nações; e as nações, embora curvando-se por momentos ao jugo do conquistador, bem depressa se isceptaram do seu poder e quebraram as suas cadêas.

Na historia primitiva do christianismo, no seu desenvolvimento e progressos está symbolisada a serie de alternativas, que se succedem ás tyrannias. A alma de um povo, pode estar embruteada, adormecida até, e a materia dominar pela bruteza; mas, á voz de um Messias, desperta desse lethargo e ergue-se tremenda e grande a pugnar pelos seus direitos a reconquistar a sua posição.

O que era o mundo quando nasceu Jesus Christo?

Um corpo cançado pelas guerras, gangrenado pelo luxo, corroido pelas falsas religiões, dilacerado pelos ambiciosos. O imperio romano, que chegára ao seu apogeu, vacillava e estremezia; a idolatria, que tinha altares em todos os paizes, cavava a ruina moral dos povos; o povo hebreu mesmo, que mais conservára respeito pelo Deus de seus pais, estava retalhado em muitas seitas, Sadduceus, Pharisens e Herodianos, que disputavam entre si o governo das almas; e os povos todos rugiam enfurecidos prestes já a repellir o governo ferreo, que lhe impozera a rainha do mundo.

E o que foi depois?—Um homem chamado á vida, quando desesperava de viver, cançado dos seus excessos; um corpo, que creou alma nova com a nova luz e que recebendo o conhecimento de novos horisontes com a instrução, já se agarra á vida em que encontra praseres não sabidos, sensações ainda não experimentadas.

Obra dos martyres e dos apóstolos, que depois devia de ser ajudada, e desenvolvida, prejudicada tambem ás vezes, pelo clero, a religião de Christo operou esta mudança, remettem para as trevas de que tinham nascido os falsos cultos eivados de erros e superstições, illustrou os povos, civilizou as gentes e disse aos que procuravam a verdade: Segui-me, a verdade sou eu.

Dous authores notaveis traçam rapidamente, o estado da humanidade nos principios da nossa era, e de forma, que pouco mais nos deixam a dizer: a sua authoridade, que vem em nosso apoio é de tal pezo, que mal cabido orgulho teriamos se aqui não lhes prestassemos a homenagem devida.

—«O christianismo, nascido das calamidades do Imperio Romano, consolou os desgraçados, que se refugiaram no seu seio. Jesus-Christo veio ao mundo no momento, em que os Romanos, outróra senhores do mundo, se tinham tornado escravos de tyrannos odiosos. Impellido de Tiberio para Calligula, de Claudio para Nero, precisavam que lhes recordassem a doce esperanza de uma outra vida, que lhes fizesse supportar a de então. O povo, que só conhecia na terra senhores implacaveis, procurava um azylo no Ceu: a religião veio consolal-o e ensinar-lhe a soffrer. Os pagãos oppressos e despojados, que abraçaram a fé, arruinaram o paganismo com o exemplo das suas virtudes» (1)

—«A par do poder da espada ergue-se o das idéas, que independente do seu rival, sustenta o progresso nas alterações que elle soffre, para obstar a que vacille, e então a narração adquire um novo elemento, a historia da Igreja. A igreja, representando o povo e admittindo á emancipação todos os infelizes, todos os que padecem pela conquista e pela força, não destrõe immediatamente a escravidão, mas oppoem-lhe uma doutrina que a reprova e um Deus, que a condemna.

Bem depressa Nero e Domiciano acham-se em frente de Pedro e Lino: os primeiros, dominadores do mundo, tendo por si a legalidade, tão differente da justiça, e representantes da civilização antiga, que nos circos cobertos de gente brada: *Os christãos aos leões!* os segundos, pobres, fracos, desconhecidos, caluniados, propagando o reinado de Deus, pela auctoridade, pela instrução, pelas ceremonias e pelo exemplo, e ensinando a dar a Cezar o, que he de Cezar; porém nada mais: nem o culto do Imperador, nem o sacrificio dos sentimentos e das convicções.» (2)

E todavia, quem visse homens, que mal se distinguem do vulgo, caminhar ousados ao encontro de feras, espanto de milhares de expectadores, quem os visse encerrar a morte sabindo d'aquellas fauces ensanguentadas, e entoar os canticos da fé ao som dos gemidos de seus irmãos dilacerados e agonisantes, quem os visse sublimes de heroismo, illuminados com uma aureola divina fitar os olhos nos Ceus, desprezando os perigos que os cercavam, e sacrificar impassiveis esposas e filhos a uma morte horrivel; quem os visse fazendo espantar homens, que ha pouco nem se dignariam deixar-lhes beijar os coturnos, reconhecera, se a idolatria o não cegasse, que a palavra e a inspiração, mas palavra e inspiração verdadeiramente divinas, eram só, que poderiam operar similhantes prodigios.

E foi tudo obra de Christo; os heroes que morriam nos circos, as nações que se convertiam, os povos que se civilisavam. Symbolo ou homem, ficção ou realidade, existisse ou não existisse, os resultados existem e proclamam para elle a veneração das gerações todas e digam embora os cegos, que: esse que crucificaram no Calvario não era um Deus, e homem; a natureza ficou tão extenuada de forças depois de o crear, que arrojou para longe os moldes e nunca mais se atreveu a esboçar um seu semelhante. (3)

Nada temos a dizer das outras religiões; umas morreram antes de nascer a nossa, outras tam grande golpe soffreram com a sua apparição, que prostradas e anniquiladas, mal se desenharam do solo em que jaziam. Única

(1) Raynal — Historia Philosophica — Vol. X.

(2) Cezar Cantu — Historia Universal. — Introdução.

(3) Volney explica a origem da religião christã pelo estudo das constellações; segundo elle Christo e a Virgem não são mais do que a traducção de duas reuniões de estrellas que existem no firmamento. Christo, Osiris ou Adam, é o manco, que oferece um ramo, como da arvore da sciencia, a Eva, Oziris ou Maria, collocada no Zodiaco com o titulo de Virgem, e o culto que se professa hoje, em quasi todo o mundo não é mais do que a adoração symbolica do sol. — Meditações sobre as ruínas dos imperios — Capitulo do Christianismo. Não era para nós, nem este o lugar de similhantes discussões; apontámos esta opinião, como um facto do dominio da historia e que por vir a pelo n'este lugar não devia ser passada em claro.

e verdadeira, e por isso universal, todos os melhoramentos e auxilio, que a instrução podia receber de cousas religiosas vieram da religião christã, ás suas portas foram bater muitas vezes os que pertendiam ensinar as turbas; do seu seio nasceram muitos dos grandes homens, que ainda hoje respeitamos e cujos beneficios gosamos ainda.

Dezanove seculos conta a doutrina do Evangelho, e bem curta tem sido a sua duração, se olhamos ao progresso de todas as sciencias e artes, que á sua sombra têm crescido e augmentado. Não ha conhecimento algum, ramo algum do estudo, trabalho nenhum, que não tenha recebido o seu influxo poderoso, que não tenha revivido com forças que lhe pediu.

A novas terras os missionarios levaram o saber e a civilização, e no mundo velho a liberdade e o amor tambem operaram transformações: como os egypcios, tambem a sociedade tem tido a sua metempsicose, mas, mais sublime, tem aproximado sempre o homem da perfeição. De feras fez escravos, de escravos homens, de homens christãos. No rude implantou o saber, no descrente a esperanza, no que vivia desanimado, nada encontrando alem da morte, incutiui a esperanza da vida eterna.

A pedra prestádo-se aos arrendados primores dos templos, creou nova vida, e sob o escopro de Miguel Angelo tomou formas celestes para nos fallar dos Ceus; a arvore nobilitada já, depois que dera nascimento á cruz, deixou esculpir imagens, que haviam de consolar os crentes lembrando-lhe um Deus de perdão; o livro ensinou as verdades reveladas e dogmas sacrosantos da fé; o homem depoz os trajas brutos, que o revestiam, e, ornado com as vestes dos cathecumens, só teve palavras de amor na mesma bocca onde existiam antes maldicções e blasfemias.

Quem ha ahi com o coração tão impedernido, que ao entrar sob as arcadas gothicadas de um templo da idade media, não sinta girar-lhe nas veias o respeito divino e não curve a cabeça diante da magestosa inspiração, que deu vida áquellas moles de pedra! Quem ha, que se não sinta commover e não reconheça vibrando uma corda, até então desconhecida, ao sentir desprender do orgão, criação christã, as torrentes de harmonias, que vêm ecoar pelas abobadas sagradas, e morrendo de ogiva em ogiva, como o gemido exhalado de uma campã, he-veem fallar do infinito poder da religião? Quem ha ahi tão desamparado de si, que não creia em Deus, que não reviva na vida eterna, ao perpassar esses templos, ao vêr a luz do sol no poente coar-se melancholica pelos vidros corados das esguias janellas ogivadas e perder-se nas sombras, que ras-tejam ao longo das paredes dos claustros!

O templo e o orgão foram obras do christianismo: o templo é o braço, que se ergue para os ceus, o orgão é a voz, que implora a misericordia divina; e o homem que mal se apercebe sobre as lages do templo, quando se lembra, que tudo isso que está ao redor intercede por elle perante o Omnipotente, sente renascer em si a esperanza na misericordia divina.

Quem ha, que não conheça a Jeruzalem do Tasso, o Paraizo de Milton, o Inferno de Dante, ou os Martyres de Chateaubriand?

E, que se affastem as obras dos homens, quem não tem pasmado diante do primeiro livro do mundo, o primeiro codigo de moral, o primeiro poema de que ha memoria: Os Evangelhos, esses a que todos tem pago a justa homenagem, ainda mesmo os que mais extraviados andaram das cousas catholicas? (1)

Quem ha, que não conheça Beethoven ou Mosart e os compositores sagrados, cujas musicas inspiradas repercutem ainda hoje, cheias de sublimidades, na memoria dos que as ouviram; ou que lendo Bossuet, Fenelon ou Pascal, não se tenha extasiado perante esses talentos, que foram á religião colher inspirações, e que lhe dedicaram os seus escriptos.

Em todos e em tudo ella deixou signaes impossiveis de apagar: mencional-os seria não acabar; elogial-os seria uma loucura; descrevel-os seria imitar em phrases descoradas e em estylo rasteiro, o que tam elevado e grande se acha n'uma das obras de mais vulto d'este seculo: O Genio do Christianismo. (2)

Nem era mister sahir das nossas fronteiras para reconhecermos o benefico influxo que o christianismo exerceu sobre as sciencias e artes.

Tres grandes templos, memoria de tres grandes batalhas, nos fallam da architectura, e não longe d'elles se destacam outros, senão de igual valla, ao menos não indignos de menção. A Batalha, Santa Maria de Belem e Alcobaça, ainda estão de pé, embora peze ao nosso seculo, e nos attestam o que podia então o cinzel guiado pela piedade. A musica e a esculptura, não são tidas em menos preço occupando-se de assumptos religiosos, e ainda hoje na nossa Cathedral se executam officios e missas, que nos fazem honra; como n'algumas galerias, que possui-

(1) Cada um dos pais de familias deve preparar uma posteridade, que saiba o Evangelho; fazer-lhe sentir o pezo das grandes verdades, que elle ensina, e graval-as na mente de seus filhos.

VOLTAIRE — ENIGMA DE KELL — TOM. 34 PAG. 175.

(2) Nos seculos das trevas as escolas dos Mosteiros, as suas bibliothecas e os seus archivos foram os únicos depositos de litteratura respeitadas pelo furor dos Vandalos e dos Godos; nem as letras teriam reusitado no Occidente se faltassem aquellas fontes providentes. No meio da ignorancia universal em que jazia a Europa, os Monjes sabiam ler e escrever, vantagens vedadas aos demais homens; copiavam livros uteis e compunham tractados apreciaveis que tinham por assumpto as sciencias e as artes. — Voltaire Essai sur l'Hist. Générale — Tom. 1.º Chap. 135.

mos se encontram quadros mysticos de nossa lavra, que não se envergonham de comparecer ao pé dos extranhos.

São bem conhecidos os varões illustres no pulpito, notáveis na sciencia, eloquentes na escripta, modelos na virtude, que devemos aos ministros da Divindade, e não será mister recordar os nomes de Santo Antonio de Lisboa, do Padre Antonio Vieira, de S. Francisco Xavier, de Fr. Manuel do Cenaculo, do Padre Theodoro d'Almeida e do Padre Antonio Pereira, áquelles, que ainda se prezam do nome de portuguez, tão illustre em si, tão illustrado pelos que o uzaram. Ainda as cinzas de Fr. Francisco de S. Luiz não estão frias de todo, e d'aquella campa veneranda surge ainda um brado respeitavel, que pugna pelos direitos litterarios, que a Igreja conquistou pelos seus tão relevantes trabalhos. (1)

Tempos houve em que o sangue humano embebia o solo, por cauza de guerras religiosas. Tempos houve, em que Roma esquecendo-se que fóra perseguida, e que, a sua missão era de paz, se tornava perseguidora e decretava a guerra. Tempos houve, em que os frades, ministros de um Deus de amor, esquecendo-se da sua missão fraternizadora, acirravam os animos para as guerras de crencas, e muitas vezes, á frente dos combatentes, pregavam a morte e determinavam a destruição.

As victimas do catholicismo foram grandes, e o incremento, que muitas das heresias dominantes nos tres ultimos seculos tomou, provio em grande parte da guerra, que lhes fizeram, da perseguição que soffreram. As fogueiras dos autos de fé, as matanças do dia S. Bartholomeu, a guerra dos Guelfos, a guerra de trinta annos, e outras tantas, que andam na bocca de todos, ensanguentaram a missão civilisadora de Christo, e não pouco iam contribuindo para a sua ruina.

Os abusos monasticos, a influencia excessiva, que tomavam nos negocios dos paizes os conventos, os numerosos rendimentos, que absorviam, as péas que lançavam na educação dos povos, o embrutecimento a que os acarrejavam pelo fanatismo, são paginas bem tristes, que a historia tinha de escrever e que excusamos folhear.

As bellezas do quadro foram grandes, grandes de mais para resistirem aos grandes defeitos; a instrucção ganhou immenso com a religião christã; não teria chegado mesmo ao ponto, em que a vemos, nem teria forças para progredir no futuro se ella não fosse; é o que nos basta, era o que nos cumpria ver. Ao demais, já as gerações fizeram justiça, o castigo já lhe foi applicado, e severo talvez em demasia; o horror da posteridade encarregou-se do resto; agora não seremos nós, que vamos refocilar n'esses restos gangrenados, levantar o seu asqueroso involucro, nem syndicar das suas ulceras.

Pobre humanidade, que tem por sina polluir tudo o que é bello, marcar o ferrete da ignominia no que ha de mais santo! O seu bafejo chegou tambem ás doutrinas do Golgotha: e hoje, que se arrependa, que com horror repare nos archivos do passado, a lição recebeu-a severa de mais, para que deseje voltar aos erros antigos.

E ainda as feridas gottejam sangue, e ainda se vêem de um lado e d'outro os resquícios da lucta. Foi hontem quasi, que ella succedeu: despertar os mortos para lhe exprobrar fraquezas, que foram pagas com a morte, que o façam outros e não nós a quem não apraz semelhante mister.

Monumentos existem d'esses erros, a pedra e o papel ainda os recordam: indague ahí aquelle a quem sobrar animo, nós, que só trabalhamos para o futuro, não queremos lançar muito os olhos para o passado, porque, vendo-o, talvez nos faltasse o animo para proseguir. Voltemos ao presente e n'esses pastores, que andam a monte, curando de seus rebanhos, uns, para os crear e nutrir, outros para lhe tirar a lã, o leite e as crias, procuremos encontrar elementos para, a educação moral do povo.

Será um impossivel o que desejámos? Quem sabe! — Continua. R. PAGANINO.

MACAU.

PROSPERIDADE ACTUAL. ORÇAMENTO. LOTERIAS E CASAS DE JOGO. HORRIVEIS EXCESSOS A QUE LEVA O VICIO DO JOGO. LORÇAS, SUA DESCRIPÇÃO, ULTIMOS APERFEIÇOAMENTOS.

Esta longiqua possessão, que ainda ha pouco era para Portugal, esteril, ou melhor, gravoso padrão do nosso an-

(1) Portugal deve ao seu clero serviços da maior monta nas Lettras, nas Sciencias e nas artes. É facil de demonstrar, com os documentos na mão, que não ha ramo de boa litteratura, no qual membros do clero, e não raros, se não avantajassem a todos os seus coevos e contemporaneos. São para se contarem as excepções. E não será necessario, afim de o evidenciar, subir a tempos mais distantes e ler os largos catalogos colligidos por Barbosa na sua Bibliotheca: depois, como d'antes, sobejam no clero portuguez homens illustres, que não tiveram competidores na profundeza e variedade dos conhecimentos e que de certo não menos honraram o corpo ecclesiastico a que pertenceram do que as lettras, em que foram eminentes e a patria a que serviam. Não é exaggeração, é verdade confessar que, por seculos, e ainda nos modernos tempos o *saber*, algum tanto acima do comum, com difficuldade entre nós podia ser encontrado fóra da Igreja. O mathematico Joze Monteiro da Rocha, o naturalista Brotero, o physico e chymico Thomé Rodrigues Sobral, Antonio Pereira do Figueiredo, D. Fr. Manuel do Cenaculo, D. Fr. Joaquim de Santa Clara, Ricardo Raymundo Nogueira, Antonio Ribeiro dos Santos, D. Francisco Alexandre Lobo, José Agostinho de Macedo, D. Fr. Francisco de S. Luiz, por não nomear outros muitos, são homens, que, por assim dizer, todos nós conhecemos, que se elevaram muito acima de todos os seus contemporaneos e cujos nomes são repetidos sempre com respeito por todos os amigos das lettras. — D. Joze de Lacerda. Da forma dos Governos — Lisboa 1854.

tigo poder e opulencia, mudou de condições, graças a felizes e imprevistas circumstancias. Póde até dizer-se que hoje a mais prospera das nossas colonias é Macau.

Para mostrar-o bastará reproduzir aqui, alguns documentos extraídos do *Boletim do Governo* d'aquella provincia. D'um d'elles se vê que no anno economico de 1854 a 1855, depois de satisfeitas todas as despezas do serviço publico, existiam em cofre no 1.º de julho mais de vinte cinco contos de réis, deposito que segundo posteriores noticias, já excede a trinta contos.

Eis em pormenor o balanço da receita e despeza de Macau, no anno economico, do 1.º de julho de 1854 a 30 de junho de 1855.

Recetta. — Dinheiro existente em cofre no 1.º de julho 1854 — 16:642,634 patacas, (1) réis 14:146,238. — Impostos directos 60:896,627 patacas — impostos indirectos 6:118,496 p. — proprios e rendimentos diversos 3:893,521 pat. — receita extraordinaria 8:560,486 patacas — total 79:463,230 p. réis 67:545,445. — Productos das lettras do governo 54:864,952 p. réis 46:636,210. — Importancia geral da receita 150:972,816 p. réis 128:326,893.

Despeza. — Administração geral 9:884,036 p. réis 8:401,5430 — da fazenda 4:062,976 p. réis 3:453,529 — da judicial 3:460,850 p. réis 2:941,372 — ecclesiastica 3:302,930 p. réis 2:807,498 — militar 30:249,416 p. réis 25:712,003 — de marinha 782,146 p. réis 664,824 — encargos geraes e diferentes despezas 11:142,565 p. réis 9:471,180 — total da despeza propriamente de exercicio do anno, 62:884,928 p. réis 53:452,186. — Pagamentos á conta das dividas passivas da fazenda, provenientes de despeza extraordinaria, 19:846,655 pat. réis 16:869,658. — total da despeza da provincia 82:731,583 p. réis 70:321,844. — Despeza da força auxiliar de Goa 5:758,161 patacas réis 20:551,514 — Total da despeza 120:903,289 patacas réis 102:767,795 — saldo em caixa 30:069,527 p. réis 25:559,098

No orçamento para 1856 — 1857, formado e publicado nos fins de setembro ultimo, ha o saldo positivo de mais de um conto de réis, alem da reserva em cofre, que, se se não alterarem as actuaes circumstancias, deve talvez subir a mais de cincoenta contos no começo do novo anno economico. Isto é pelo que toca ás despezas proprias do estabelecimento; por que as que se fazem com a corveta D. João I, que allí está estacionada, correm por conta do thesouro publico de Portugal, e entram, como as das de mais estações navaes, no orçamento geral do ministério da marinha.

Os pormenores deste ultimo orçamento, que um documento official nos fornece, são os seguintes:

Recetta. — *Impostos directos*, decimas e impostos pagos pelos christãos 11.000 p. — pelos chins 11.000 p. — direitos de mercê 400 p. — papel sellado e sello de verba 900 p. — sizas 1.500 p. — licenças aos fartiões chins 240 p. — aos rendeiros da carne de porco e vacca 4.410 p. — aos de peixe 1.900 p. — aos de caranguejo 100 p. — para abertura da lotaria chin 11.700 p. — ás casas de jogo chin 12.060 p. — ás casas de bebidas 50 p. — para venda d'opio cosido 6.000 p. — multas 400 p. — total dos impostos directos 61.660 p. réis 52.411,000. — *Impostos indirectos*, direitos da venda do sal 1.040 p. — do pescado das ostras 800 p. — licença para lançar rede nas praias 40 p. — emolumentos a titulo de policia do porto 150 p. — rendimentos da Taipa (2) 3.000 p. total dos impostos indirectos 5.030 p. — réis 4.275,500. — *Proprios e rendimentos diversos*, foros e rendas dos predios 2.000 p. — por conta do resto d'uma divida activa 116 p. — rendimento do monte pio 112 p. — receitas eventuaes 4.000 p. — total dos proprios e rendimentos diversos 6.228 p. réis 5.293,800 — *Somma de toda a receita* — 72.918 p. réis 61.980,300.

Despeza, da administração geral 9.553,783 p. réis 8.120,715 — de fazenda 4.820,977 p. réis 4.097,830 — do judicial 3.503,880 p. réis 2.980,000 — ecclesiastica 3.941,174 p. réis 3.350,000 — militar 36.751,146 p. réis 31:238,474 — de marinha 710,587 p. réis 604,3 — encargos geraes, e despezas diversas 12.407,850 p. réis 10.546,671 — total da despeza 71.691,397 p. réis 60.937,690 — Saldo que se presume haver a favor da fazenda 1.226,603 p. réis 1.042,610.

A comparação dos quatro ultimos orçamentos da receita e despeza publica de Macau accusa diferenças entre elles, que são de mui lisongeira significação, e servem a autorisar as esperanças que nutrimos, a respeito da crescente prosperidade daquella colonia portugueza. Em 1853 — 1854 orçou se a receita em 49.600 p. e a despeza em 80.007 p., o que constituia a fazenda n'um deficit de 31.407 p. Em 1854 — 1855 calculou-se a receita em 52.800 p. e a despeza em 69.496,470 p., o que deixava a fazenda devedora de 16.696,470 p. Em 1855 — 1856 contou-se com uma receita de 61.535 p. e uma despeza de 69.260,355 p., o que ainda deixava descoberto um deficit de 7.725,355 p. Já, porém, no anno de 1856 — 1857 de que se orça a receita em 72.918 p. e a despeza em 71.691,397 p., se presume, com algum fundamento, que haverá o saldo activo, que já mencionámos, de 1.226,603 p.

São singulares algumas das verbas da receita do orçamento de Macau, taes como de licenças para vender caranguejos, pescar ostras, &c. O que porem mais admira,

(1) A virgula separa os decimales nos numeros que indicam patacas.
(2) A Taipa é um pequeno forte em frente do Macau onde se cobram certos impostos sobre embarcações chins.

é que as duas maiores verbas sejam de licenças para loterias e casas de jogo! A primeira é de 14:700 patacas, e a segunda de 12:060; sommando ambas cerca de vinte e quatro contos de réis. O tributo sobre um vicio condemnado pelas leis e pela moral, tributo que em si mesmo é flagrante immoralidade, figura por mais do terço do total rendimento da colonia!

A licença, ou antes privilegio de estabelecer loteria, é obtido em hasta publica, de ordinario por um só individuo, especie de editor responsavel de companhia ou sociedade encoberta. A loteria é diaria, e feita por systema mui diverso dos que se uzam na Europa. Todos os dias se publica um plano, que serve tambem de bilhete, contendo oitenta caracteres chinezes. Ha uma escala para o preço dos bilhetes, cujo minimo é de cinco sapecas. (1) Os premios são calculados na razão composta do preço escolhido pelo comprador e do numero de caracteres em que quer jogar, e que marca com traços encarnados no acto da compra, do que toma nota o vendedor.

A direcção da loteria escolhe certo numero de caracteres, dos oitenta do plano, de modo que formem uma phrase ou pensamento. A felicidade do jogador está em ter marcado todos ou parte dos caracteres contidos n'essa phrase, que todos de dias de tarde se patenteia ao publico. N'isto unicamente consiste a extracção da loteria. Os premios são regulados por calculos de progressão muito intrincados, e de modo que os jogadores mui poucas probabilidades tem de tirarem premios avultados. O systema é assaz engenhoso, mas tão complicado que seria impossivel explical-o completamente.

Do mesmo modo se arremata o privilegio d'abrir casas de jogo. O que mais uzam em Macau, é denominado *latao*: especie de banca portugueza, em que se fazem paradas sobre os numeros um, dous, tres e quatro. Depois, o banqueiro tira d'um montão de sapecas uma porção ao acaso, e as vae separando rapidamente quatro a quatro. Os que apostaram no numero das que a final restam d'esta successiva subtração, ganham a parada duplicada. N'isto leva a banca grande partido. Recbe apostas sobre tres numeros, e paga as de um só, ainda que duplicadas.

O jogo é severamente prohibido pelas leis do celestial imperio. Entretanto n'este ponto, como em muitos outros de utilidade e moral publica, são hoje letra morta. A corrupção penetrou ali em tudo e em todos. Os costumes publicos affrontando a legislação, quasi transformaram o reino das flores (2) n'uma immensa casa de jogo.

Os chins tem desde tempo immemorial, grande variedade de jogos, de dados e cartas, das quaes a forma e nappes differem dos da Europa. São mui apaixonados pelo xadrez, pelo jogo das damas, e pelo ganha-perde, em que o parceiro vencido é obrigado, em geral, a beber uma taça de aguardente. Tambem gostam muito de combates de gallos, codornizes, grillos e gafanhotos, e fazem sobre isso apostas, ás vezes de grande quantia. Os jogadores de profissão, porem, preferem as cartas e os dados. Reunem-se em casas particulares, e n'outras publicas, que correspondem aos nossos botequins, com a differença que só n'elles bebem cha. Passam ás vezes dias e noites inteiras, jogando sem cessar, e com tal furor que nem tomam alimento. Quasi que não ha povoação nem aldeia sem casa de jogo e jogadores de profissão.

Os chins, geralmente fallando, são economicos e laboriosos; mas o espirito d'ambição, o desenfreado amor do ganho, e a decidida tendencia que tem para especulações e agiotagens, os arrastam á paixão do jogo, quando se não applicam ao commercio. Procuram com avides as commoções fortes, que difficilmente abandonam uma vez experimentadas. Despresam as obrigações do seu estado e os mais sagrados deveres de familia, para não viverem senão com os dados e as cartas. A paixão do jogo leva-os a incriveis extremos. O chim depois de perder o dinheiro, joga a habitação, os campos, se os possui, e por fim a propria mulher, cujo desgraçado destino faz depender d'um lance de dados. E não pára n'isto. Os vestidos que o cobrem servem ainda para mais uma parada, que, se é adversa, dá muitas vezes lugar a scenas horriveis e inacreditaveis, se se não soubera que o excesso das paixões é capaz de transformar o homem em fera.

Nas provincias do norte, e principalmente nas proximidades da grande muralha que separa a China da Tartaria, ha invernos mui asperos: cobrem-se os campos de neve, e gelam os rios. N'esta estação, vêem-se ás vezes homens completamente nus, expulsos desapiedadamente das espeluncas de jogo, depois de terem perdido até o vestuario, que lhe arrancam logo. Os desgraçados correm como loucos em differentes direcções, procurando pelo exercicio escapar aos effeitos do frio. Vão collar-se junto aos pannos das chaminés, construidas, n'estes paizes, ao nivel do solo. Procuram aquecer o corpo, ora d'um lado ora do outro, e no emtanto os seus companheiros do jogo os observam no meio de atrozes rizadas. Tão cruel espectáculo não dura muito, porque estas victimas dos proprios vicios e da bruta malvadez dos seus semelhantes, brevemente acabam congeladas. Depois d'isto os jogadores voltam á espelunca, e continuam o jogo com a espan-

(1) Moeda de composição mixta de estanho e cobre, semelhante na forma e espessura ás moedas de 200 réis modernamente cunhadas em Portugal, tendo de mais um buraco quadrado no centro. Em França suscitou-se agora a idea de imitar esta *chinoiserie*, cunhando-se certa classe de dinheiro com um furo quadrado no centro, dizem que para difficultrar o cerceamento da moeda.

(2) Os chins dão ao seu paiz as differentes denominações de imperio celeste, reino do mto, nação central, e reino das flores.

tosa indiferença que os chins sempre mostram pela vida dos seus concidadãos.

Não param aqui os horrores a que conduz a paixão do jogo, entre este singularissimo povo. Os chins jogam até os membros do proprio corpo. Jogam os dedos das mãos, quando não tem dinheiro ou outros valores. Estão frente a frente dois jogadores. Está sobre a meza um vaso com oleo de nozes ou de sesamo, com fogo por baixo, e uma machadinha bem afiada. O que ganha toma pausadamente a mão do contrario, põe-n'a com muita cortezia sobre uma pedra preparada para este fim, e decepa-lhe o dedo com a machadinha! Depois o amputado mette o coto no oleo a ferver, para cauterisar a ferida, e ás vezes continua a jogar com admiravel placidez. Tambem costumam pôr uma torcida embebida em oleo, e accea sobre alguma parte do corpo. Deixam queimar a carne, em quanto, reprimindo a dor, jogam com serenidade ás taboas, ou especie de gamão. É o sublime do genero (1).

Seriam ineriveis taes actos de loucura produzidos pela paixão do jogo, se não fossem atsetados por viajantes e escriptores modernos dignos de todo o credito. Já viajantes arabes do seculo IX, encontraram estes costumes na China, com

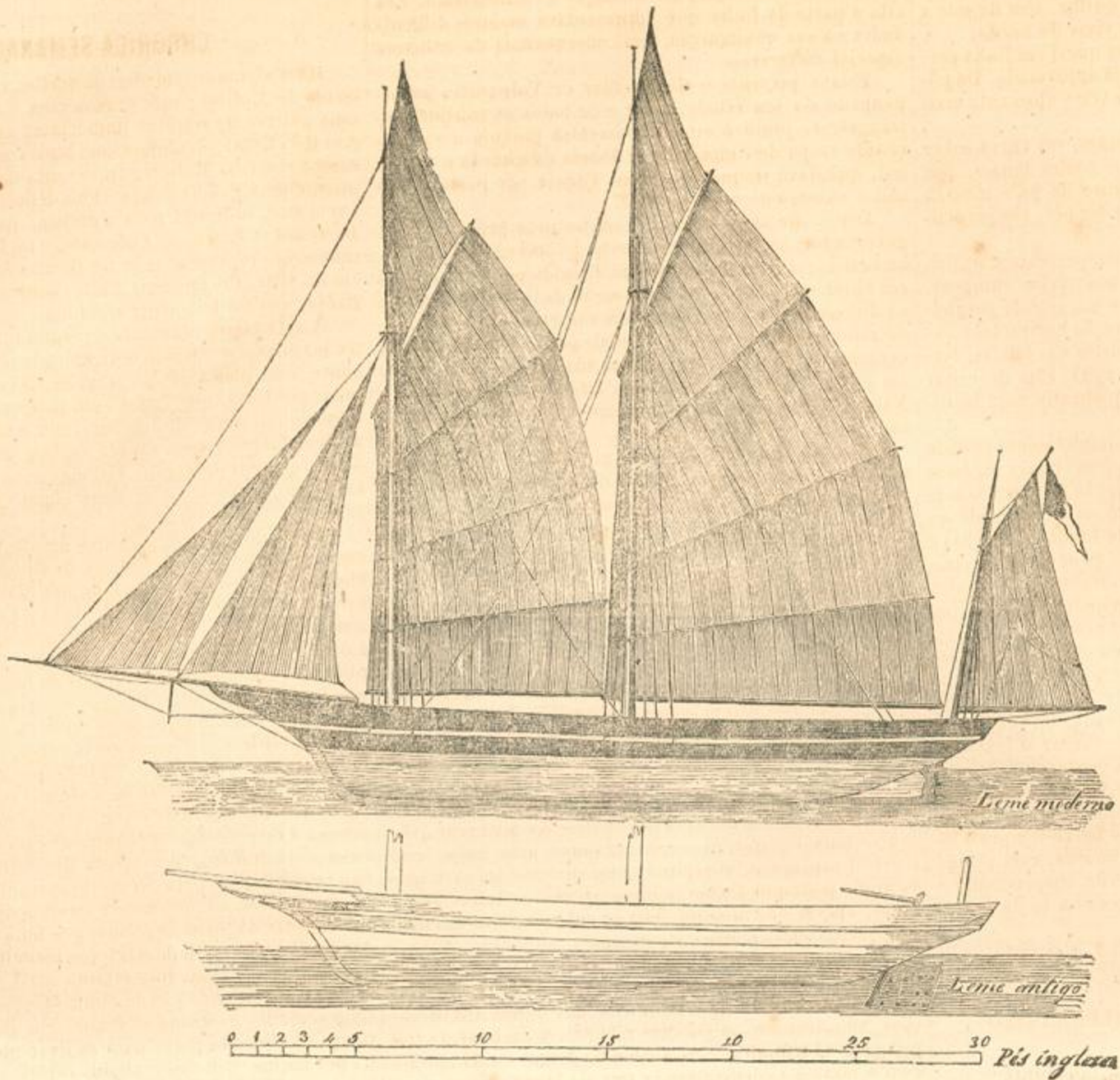
oselê no livro arabe *Serie de chronicas* (2). Quem visita aquelle paiz, e observa as singularidades e aberrações do caracter de seus habitantes, não lhe causam estranheza nem incredulidade semelhantes narrativas.

O que por nós mesmos observámos, é que o jogo produz na China infirmitade de desordens e desgraças sociaes.

É frequentissimo ver familias numerosas caírem de repente em profunda miseria, apoz uma partida de dados ou de cartas. Este vicio funesto tem invadido todas as classes e todas as idades; mas no baixo povo é que se acha mais inveterado. Nas ruas de Macau e nas de todas as cidades chinezas, encontram-se a cada passo jogadores ambulantes, que com dous dados e um copo, ou antes chicara de louça, sobre uma tri-deça, tentam os viandantes. Muitas vezes o desgraçado operario, attraí-

(1) Na cirurgia chamam *moxas* aquella especie de torcidas. A palavra vem dos chins e japonezes, que designam com ella um tecido que preparam macerando folhas secas da *artemisia chinensis*. Com o parenchyma d'estas folhas fazem uma especie de cone, cujo vertice accendem, applicando a base á parte que querem cauterizar em certas molestias. Este cauterio está introduzido na Europa.

(2) *Relation des voyages faits par les arabes et les persans dans l'Inde et à la Chine, dans le IX siecle de l'ere chrestienne*, traduzido por M. Reinaud, do Instituto de França.



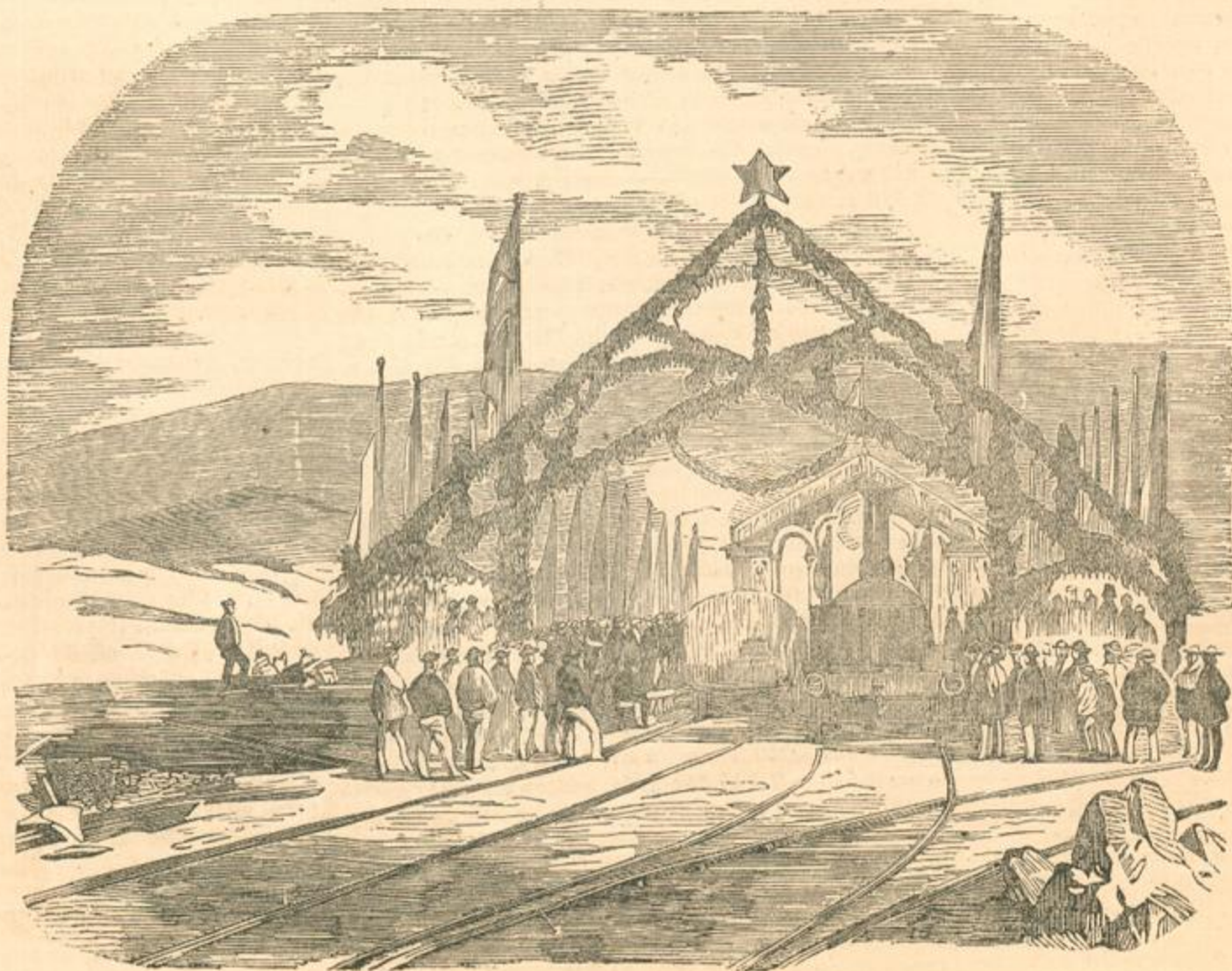
Lorcha.

do irresistivelmente alli, perde, acorçado, até á ultima sapeca; e não é raro ver jogar creanças de 5 a 6 annos, que assim adquirem um vicio, que de ordinario não perdem mais em toda a vida.

dos ou de alto bordo, alguns de mais de quinhetas tonelladas. As lorchas, cujo trafico só em 1837 começou a adquirir importancia, eram 60 e tantas em 1851, medindo ao todo 4:000 tonelladas. Hoje contam-se quasi 170. São embarcações que variam na capacidade, desde 40 a 150 tonelladas, quasi todas armadas em guerra, e destinadas a comboiarem e defenderem contra os piratas, as frotas mercantes dos chins, e ás vezes mesmo as esquadras imperiaes. Ha lorcha que monta 20 peças, e que tem rodizios de calibre 18 e 24.

As 60 estavam guardadas, no dito anno de 1851, com 357 peças, variando os calibres de 1 a 18; e com mais de tresentas espingardas, 400 lanças, 180 espadas, e outros instrumentos de guerra; e petrechadas com mais de 15:000 balas, 14:000 arateis de metralha, e alguns 500 barris de polvora. Segundo as matriculas correspondentes na capitania do porto de Macau, andavam tripuladas então por uns 400 portuguezes e 500 chins.

Estas embarcações, que tanta importancia e vantagens promovem a Macau, são de construcção particular, que não será inutil explicar. Geralmente fazem-n'as de téca e outras boas madeiras, e muitas vezes o cavername é de canfora. O fundo á pópa é chato, mas a um terço do



Caminho de ferro de Valparaiso e Santiago — Partida do primeiro comboi da estação de Valparaiso.

total cumprimento da lorcha, tomado da pôpa, começa e quilha, *sobrecanho* ou *soleira*, como dizem em Macau, a qual vai augmentando d'altura até á proa, formando n'esta, a curva do *patilhão*, o que, e a quilha, tem de sete a nove buracos, para facilitar mais o virar de bordo.

A prôa é pouco aguda, e termina quasi em linha perpendicular ao mar, o que lhes dá feia apparencia. Da pôpa para a prôa, ha forte declive: ás vezes apresenta mais de um pé de differença no nivel.

A pôpa é redonda, e alonga-se muito em curva sobre a linha d'agua. É separada em duas partes iguaes, por uma fenda, ordinariamente da largura de pé e meio, e que, avançando no convez, de oito a dez pés, vai perpendicularmente terminar na agua.

Esta parte da construcção é a que apresenta mais differença e originalidade em relação aos navios europeos. Nesta fenda gira o leme, cuja *porta* é um grande paralelogramo, alongado umas vezes na direcção horisontal e outras na perpendicular, com varios côrtes nas taboas, formando um xadrez por onde passa a agua, afim de evitar a resistencia do mar, que aliás o quebraria com facilidade.

O leme não tem *machos*, sendo simplesmente sustido por cabos ou *boças*, que de duas pequenas traves ou *latas* atravessadas no convez sobre a fenda, vão prender na *madre* do leme, cuja *porta*, ás vezes até na sua metade ou dous terços, anda abaixo do plano do fundo da lorcha; e como se alonga muito alem da pôpa, produz muita impressão na agua, o que explica a rapidez dos movimentos que communica á embarcação, principalmente no virar de bordo, que se opera com admiravel promptidão. O fulcro do movimento, pela disposição da quilha e da mastreação, se estabelece na linha do mastro do traquete, que fica muito proximo á prôa.

É o leme movido por uma grande cana, ou braço, em cuja extremidade ha um systema de cordas d'invenção chinesa, um tanto semelhante ao dos *gualdropes*. Parece imperfeito, mas os marinheiros chins, talvez os melhores do mundo, tiram d'elle optimo partido.

Facil é de concluir, que em fundo baixo sempre o leme toca primeiro, e logo a *madre* se inclina, com perigo de fazer avarias na pôpa, o que se evita suspendendo o leme por meio d'um molinete, collocado a ré da *madre* sobre a dita fenda.

Continúa.

C. J. CALDEIRA.

CAMINHO DE FERRO DE VALPARAISO E SANTIAGO.

PARTIDA DO PRIMEIRO COMBOI DA ESTAÇÃO DE VALPARAISO.

A inauguração das primeiras oito milhas do cami-

nho de ferro de Valparaiso e Santiago, teve lugar ás 7 horas da manhã de 16 de setembro do anno findo, no meio de vivas demonstrações de satisfação e enthusiasmo. Era esta a parte da linha que apresentava maiores difficuldades na sua construcção, em consequencia da natureza especial do terreno.

Estava presente o Governador de Valparaiso acompanhado do seu estado maior e de todos os consules estrangeiros; junto á estação achava-se postada uma porção de tropa de linha, e a artilharia da guarda e nacional, que dava frequentes salvas. Orçava por perto de 20 mil o numero de expectadores.

Depois de abençoado o caminho pelo bispo, este, o governador, os directores, e perto de 500 convidados tomaram lugar no trem que partiu dirigido pelo engenheiro em chefe mr. Lloyd. Na terminação da linha offereceram os directores aos convidados um sumptuoso almoço, onde reinou a maior alegria, e a mais perfeita cordialidade, executando durante elle algumas bandas militares diversas peças de musica. No fim da tarde voltou o comboi a Valparaiso, sem ter havido o menor accidente ou embargo, quer na ida quer na volta.

Mais de vinte mil pessoas trabalharam actualmente em toda a linha, cujas vantagens, depois de concluida, seram incalculaveis para aquella paiz.

TERRAMOTO NO JAPÃO.

A 23 de Dezembro de 1854 pelas 9 horas e 45 minutos da manhã estando o tempo excellente e o mar chão, começaram a sentir-se fortes e repetidos abalos a bordo da fragata russa Diana, ancorada na bahia de Simoda. Como a fragata havia pouco antes mudado de ancoradouro, pareceu ter dado em secco; lançando-se porem a sonda acharam-se oito pés de agoa, não podendo por isso attribuir-se a esta causa aquelles abalos. Ás 10 horas avistou-se uma enorme vaga que entrando pela bahia com incrível rapidez submergiu a aldea de Simoda. A fragata ainda pôde por algum tempo sustentar-se sobre as ancoras, apesar de em volta della se submergirem grandes e pequenas embarcações japonezas.

Sucessivamente porem se repeliam as vagas, e a fragata abalroada por um grande juncô que lhe fez terriveis avarias, garrrou e seguiu o destino das outras embarcações, não obstante os esforços e habéis manobras da tripulação. O temporal e os abalos da terra, continuaram com a mesma violencia até ás tres da tarde, não se vendo em toda a bahia senão cadavres, e fragmentos de casas e de embarcações. As aguas, durante o temporal, cresciam e desciam rapidamente: dentro em cinco minu-

tos baixaram de 23 a 3 pés, e houve occasião em que se viram as ancoras fora d'agoa.

CHRONICA SEMANAL.

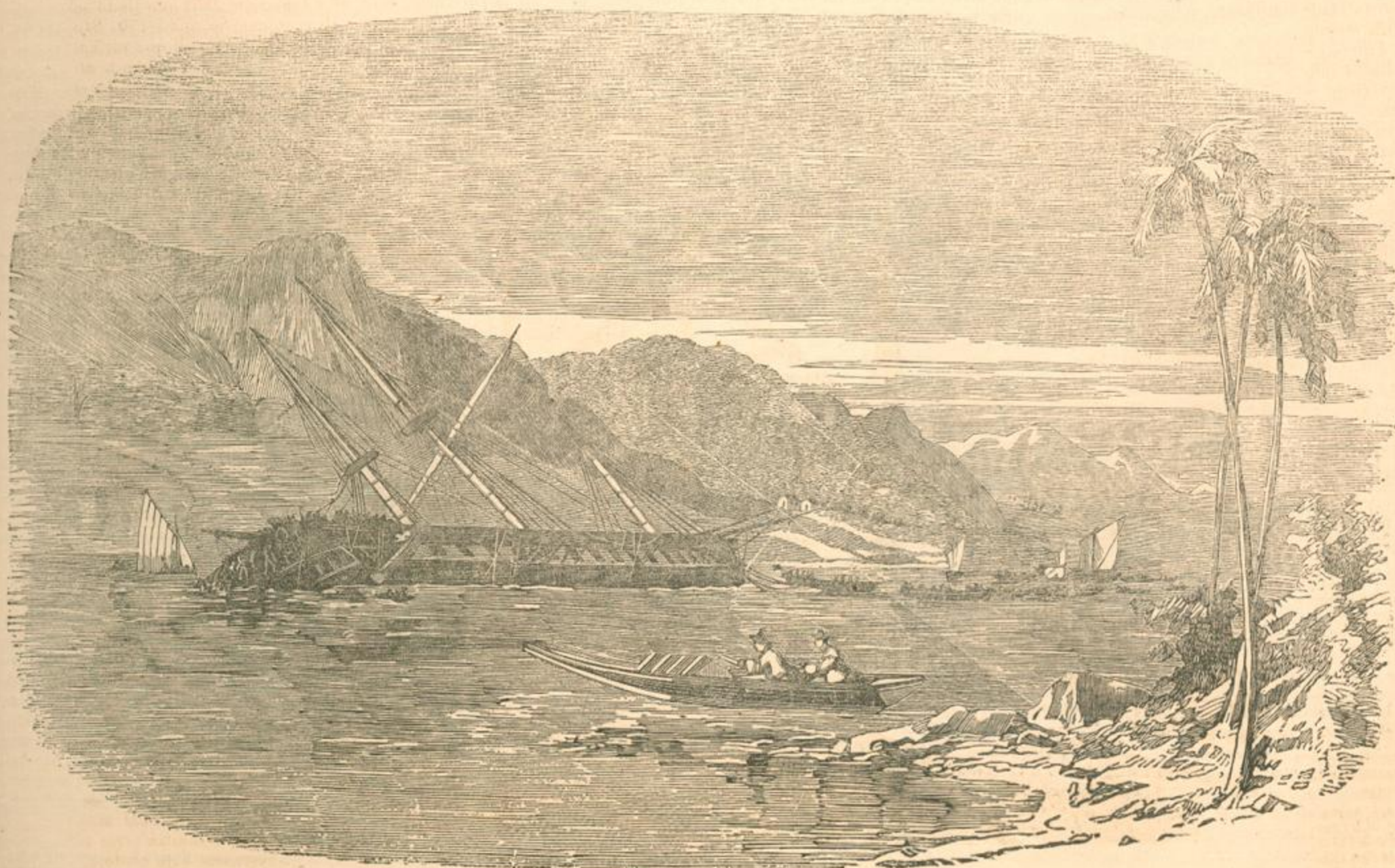
Ha n'algumas comedias de Scribe, como um reflexo da escola de Molière; este gravou com o cinzel dos mestres uma galeria de retratos immortaes; aquelle imitando-o, sem lhe chegar, desenhou com lapis correcto alguns typos caracteristicos. Molière, apresenta-nos ainda viva e palpitante uma epocha dous seculos depois: Scribe hade deixar a sua, indicada para o futuro, na *Camaraderie*, no *Bertrand et Raton*, na *Calomnie*, e no *Charlatanisme*. Ultimamente representou-se no theatro francez, em beneficio de Mlle. Cecile, uma d'estas comedias, — *Bertrand et Raton*, que foi friamente recebida.

A sala estava apinhada de espectadores. Nos camarotes ostentava-se garrido e arrebicado o nosso mundo elegante, e na platéa pavoneavam-se soberbos os nossos homens politicos, que iam ali em procura d'uma revelação importante. Antes de aventurarmos a nossa opinião sobre a peça, faremos uma rapida analyse do que observámos durante a representação. Tivemos dous espectaculos, um no palco, outro na sala: duas classes d'actores, uns de profissão, outros *virtuozos*.

A par do vulto apparatuso de um tribuno alentado, em competencia com o Colosso de Rhodes, julgava-se encher a figurinha exigua de um Machiavel em miniatura, d'estes que parecem ter dado a Gulliver a idéa dos seus Liliputianos. Descutiam gravemente o politiquinho e o politico, o primeiro eclipsado pelo segundo. Um explicava o modo fino de fomentar as finanças dando quasi por fossil o proprio sr. Fontes; o outro expunha aos seus numerosos admiradores uma nova theoria de metamorphoses politicas, ou como diz o vulgo, de virar a casaca. Certo malicioso observava de lado que a casaca do politico devia estar no fio, só de a virar e revirar. Pela nossa parte não lhe achamos razão, o homem abonava com a pratica a theoria: e se ao constante exercicio d'uma gymnastica assombrosa devia esta flexibilidade inimitavel, não vemos motivo para deixar de aproveitar-se da prenda.

O interesse não era menor na comedia da sala, do que na comedia da scena, e crêmos que foi isto o que prejudicou Scribe, n'esta noite. Os typos vivos interessavam mais que os typos desenhados, e tanto mais quando a execução não correspondea ao desenho. O espectador boçal vertia a comedia *Bertrand et Raton*, em *Beltrão e Ratoão*, e tirava os olhos do palco para os fixar nos bancos, vendo n'elles muitas Beltrões e alguns ratoões.

A comedia escripta enaivava como se conspira, sem figurar na conspiração, e o publico bocejava, porque está farto de ver exemplos desta dactrina e não os tinha longe. Como se havia de elle interessar pelo conspirador as-



Terramoto no Japão

tuto, tendo á mão a vaidade não menos comica do conspirador de trapeira? Em Portugal não podia parecer novidade a concepção de Scribe, porque o genero á força de repetido, têm-se tornado commum. Os mesmos que iam procurar lições sorriam de commiserção, porque se achavam mestres, onde ingenuamente julgavam que seriam discipulos. Dir-se-ha: mas não tinham lido a peça? Não a conheciam? Não conheciam, não lêram, estes senhores não lêem. Como ha de ter tempo para ler quem anda sempre imbebedo nas altas cogitações da politica transcendente? Não tem cabeça para ler quem anda com o ferro... d'um caminho do dito; caminho que anda tão depressa que nem se vê... andar.

Basta de divagações e occupemo-nos do Scribe. *Bertrand et Raton*, é uma comedia mais politica do que outra cousa, escripta debaixo da impressão do momento, na occasião das lutas vivas do constitucionalismo nascente, quando ás lutas Villèle e Polignac, ás ardentes apostrophes do deputado Manuel e do doctrinario Royer-Colard, succediam as porfias de tres homens de estado novos, e igualmente notaveis por elevados talentos; o conde Molé, Thiers e Guizot. Saía-se da revolução para os tumultos, e a comedia era uma copia exacta do que todos os dias se presenciava. O effeito que devia produzir nos espiritos vivamente preoccupados, pôde facilmente calcular-se. Eis a razão a nosso ver, porque esta comedia igual em merito a qualquer das outras, não pôde ser hoje ouvida com o mesmo interesse, principalmente neste paiz, onde todos estão desenganados, e os caracteres politicos gastos. Não ha paixões politicas porque não ha fe politica, e a peça não as encontrando para as avivar, devia por força esmorecer perante a indifferença.

Nenhuma peça foi ainda representada com mais á propo entre nós, do que a *Camaraderie*, porque retratando com toda a similhaça a epocha actual, copiando com exactidão as suas tendencias e aspirações, e ferindo todos os ridiculos, despertava a curiosidade e prendia o interesse geral. O publico applaudiu as copias, comparando-as aos originaes que tinha á vista: a verdade da estampa duplicou o exito da obra.

Na Comedia *La fille terrible*, appareceu-nos a beneficiada desempenhando o papel da protagonista. Não lhe damos os parabens pela execução. Mlle. Cecile faltam-lhe condições para poder executar aquella parte. Não basta ser desenvolta, é necessario á desenvoltura juntar a ingenuidade. Em todos aquelles saltos, pulos e travessuras, pareceu-nos sempre ver a propria Mlle. Cecile, e não a desinquieta rapariguinha que o author imaginou. Mlle. Picard, quando no theatro de D. Fernando desempenhou o mesmo papel, deu-lhe outra naturalidade e relevo, imprimio-lhe mais gentileza e finura, fazendo sobressahir bastante a Comedia. De tudo o que temos visto fazer a Mlle. Cecile, o que mais nós agradou, foi *Ce que vivent les roses*, e *Les Souvenirs de Jeunesse*, e julgamos ser este o seu genero.

O theatro normal, não nos deu nada novo. Consta-nos que se ensaia para subir brevemente á scena, um drama tragico em cinco actos, intitulado as *Borrascas do Coração*. Não o conhecemos, mas dizem-nos pertencer ainda á escola ultra-romantica, figurando n'elle personagens quasi idéas. Veremos.

No Gymnasio representou-se uma Comedia nova, *Paiz o justo pelo peccador*, imitação do *Massacre d'un innocent*.

A hilaridade que provocou em francez, não faz inveja ás gargalhadas que tem despertado em portuguez. O nosso Taborda vendo-se empenhado n'uma luta artistica, esmerou-se de véras no desempenho da sua parte, conseguindo dar-lhe tanto ou mais realce que o seu rival. A arte e o publico tem tudo a ganhar com estas emulações honrosas para o artista.

Vimos annunciado para o theatro de D. Fernando, mais um drama apparatuso do sr. Braz Martins, com o titulo *o Rei e o Eremita*. A julgarmos pelos personagens que lêmos no cartaz, parece-nos ter sido extrahido da *Notre Dame de Paris*, de Victor Hugo. Os nomes são os mesmos do romance á excepção d'um Francisco de Paula, que nos apparece ali demais, e de quem naturalmente havemos de admirar alguns milagres que eclipsarão completamente os de *Santo Antonio* (o Thaumaturgo).

Será verdade que se trata de escripturar uma companhia de *Zarzuella* hespanhola, para o theatro de D. Maria, quando se acabarem as escripturas dos actores francezes? É o que nos falta ver. O theatro normal passará a ser theatro poligloto.

ERNESTO BIKSTER.

O GENERAL DE PONTEVÉS.

João Baptista Edmundo, conde de Pontevés, nasceu em Marselha a 24 de junho de 1805. Seus paes, que pertenciam a uma das mais antigas e illustres familias da Provença, destinaram-o desde os tenros annos á carreira das armas. Para este fim entrou como alumno nas escolas militares de la Flèche e Saint-Cyr, d'onde saiu, em 1824, concluidos os respectivos estudos, sentando então praça no regimento n.º 20 de linha, ao qual foi reunirse em Hespanha.

Era já segundo tenente da guarda real quando rebentou a revolução de julho de 1830. Foi licenciado com

aquelle corpo; mas em breve reentrou no serviço (1831), fazendo todas as campanhas d'África desde esta epocha até 1834. Distinguiu-se especialmente na tomada de Bougia, e o seu nome foi citado com o maior louvor na ordem do exercito, o que lhe valeu o habito da Legião de Honra.

Pouco depois, já commandante de batalhão, foi nomeado governador do circulo de Tiaret, revelando em breve n'esta importante commissão grande prudencia e tacto administrativo. Já official da Legião de Honra e tenente-coronel, foi incorporado no regimento n.º 18 de linha, e n'essa qualidade fez o cerco de Roma, onde pelo seu distincto procedimento obteve a promoção ao posto de coronel e o commando do regimento n.º 75. Commandou este excellento regimento por espaço de tres annos, no fim dos quaes recebeu a cruz de commendador da Legião de Honra, foi promovido a general de brigada, e encarregado do commando d'uma brigada do exercito de occupação em Roma.

O general Pontevés, começada a luta no Oriente, partiu para a Criméa, commandando uma brigada activa da guarda imperial. Por varias vezes no serviço das trincheiras recebeu ligeiros ferimentos, que escondia até dos officiaes que o interrogavam a similhante respeito.

Mas a 8 de setembro de 1855, no ataque do pequeno redente da Querenagem, foi mortalmente ferido quando conduzia ao assalto a columna que commandava; e só com muita difficuldade e risco da propria vida o seu ajudante de campo, o capitão Lamy, o pôde trazer ainda vivo para dentro dos entrancheiramentos.

Conduzido á ambulancia do quartel general, expirou no dia seguinte ás dez horas da manhã, depois de ter mostrado uma paciencia e conformidade só proprias de um fervoroso christão.

O general de Pontevés era muito estimado dos soldados, a quem amava como se foram seus filhos. Como homem particular ninguem tinha tantos e tão sinceros amigos. Assim não devemos admirar-mos das numerosas demonstrações de sentimento a que a morte d'esse valente e honrado militar deu lugar assim no exercito do Oriente, como em França, onde as suas brilhantes qualidades eram geralmente apreciadas.

A CORTE DE D. JOÃO III

ESTADO MORAL E ECONÓMICO DO PAIZ NO MEADO DO SÉCULO XVI

(fragmento inedito do VII Livro da Historia do Estabelecimento da Inquisição.)

..... Taes eram as circumstancias que impunham á curia romana uma prudente reserva, e que exigiam não vulgar astucia no coadjutor de Bergamo, para o qual se redigiram instrucções amplas, que lhe servissem de guia no desempenho da sua missão. Os apontamentos para essas instrucções, que ainda existem, são um dos monumentos mais importantes para conhecermos a epocha de D. João III, a sua corte, e os personagens mais influentes n'ella, ou mais notaveis do paiz n'aquella conjunctura, e igualmente a politica de Roma. Escripitas para se conservarem secretas, e redigidas com o intuito de illustrarem ao mesmo tempo o papa e o nuncio, não se deve suppor que na sua redacção, houvesse idéa de illudir alguém. A verdade era o que em similhante papel convinha sobretudo, e não é de crer que a corte mais astuta da Europa se enganasse na apreciação dos homens e de factos, que tanto lhe importava avaliar exactamente. Resumimos, por isso, aqui a materia d'aquelles apontamentos, que por certo devem excitar a curiosidade do leitor. (1)

Depois de se narrar a origem e progressos da monarchia portugueza, em harmonia com as ideas historicas d'aquelle tempo, indicavam-se os favores e beneficios recebidos da sancta sé pela coroa de Portugal, e particularmente as abundantes fontes de riqueza que possuia o clero d'este paiz, fontes que os papas mais de uma vez tinham em grande parte feito derivar para o fisco. Recordava-se o antigo feudo á igreja de Roma, e até se explicava pelo favor da curia a gloriosa revolução do mestre de Aviz, que, bastardo e membro de uma ordem religiosa, não teria podido, sem esse favor, obter a coroa, e deixal-a a um herdeiro legitimo. Assim se habilitava o nuncio para invocar convenientemente antigos direitos e o ainda, porventura, mais restricto dever da gratidão. As instrucções referiam-se depois aos individuos principaes com quem o bispo de Bergamo tinha de tractar, e ao estado das cousas que em Portugal podiam interessar á corte de Roma. O infante inquisidor-mor — dizia-se-lhe ahí — que apesar da sua má vontade á sé apostolica, representava um papel de sanctimonia tal, que, para se conservar em character, teria de se mostrar obdiente, bom ou mau grado seu. Convinha pois, obrigar-o, misturando-se a as-

(1) Imprimiu-se em Inglaterra n'este seculo, mas sem data de logar nem de anno, uma versão portugueza das instrucções ao bispo coadjutor de Bergamo, as quaes se dizem tiradas de uma bibliotheca de Florença. É rarissima esta publicação de que só vimos um exemplar. O texto de que nos servimos é a copia do original inserida na *Symmichia* vol. 12 f. 19 e segg. O seu titulo é *Instruzione piena delle cose di Portogallo in tempo del re Gio III data a Monsignore Coadjutore di Bergamo, nunzio apostolico in quel regno, per ordine di papa Paulo III*. Foi tirada do codice do Vaticano 829.

pereza com a brandura, (uma vez que o papa não quizesse privar-o da dignidade d'inquisidor-mor) a tirar dispensa de idade, a pedir absolvição do passado e a rever e ratificar os processos findos, cousa que se reputava indispensavel á dignidade do pontifice. Qualificava-se o infante D. Luiz como homem violento, que influia assaz nos conselhos d'el-rei seu irmão pela audacia com que interyinha nos negocios publicos. Tanto elle como o infante D. Henrique queriam ser tractados com tanto acatamento como el-rei. As informações acerca da rainha D. Catharina representavam-na como não menos ambiciosa de influencia politica do que D. Luiz, ambição que ella sabia conciliar com os extremos da devoção. Desenhando-se o character dos principaes prelados, descrevia-se o arcebispo de Lisboa, capellão-mor, e parente d'el-rei, como um velho fidalgo de boa indole, bem morigerado, e timido, a quem o soberano concedia a honra da sua intimidade. O prelado de Coimbra, talvez o mais antigo bispo da igreja catholica, passava por homem honrado, vivendo inteiramente fóra da corte, e era capaz de se dobrar pelo temor da sancta sé. O da Guarda, pessoa de má vida, menosprezava Roma, mas não tinha importancia alguma, porque tambem vivia afastado da corte. O do Porto, frade carmelita, e confessor da rainha, mostrava-se inimigo da curia romana, falando contra ella nas conversações e até no pulpito. Apesar, porém, d'essas ostentações e do seu valimento, passava por muito medroso. O de Lamego, frade loio, e inquisidor na Beira, era um individuo de curta capacidade, e de mediocre instrucção; porem não de má indole. Dos frades influentes no paço falavam as instrucções com mais individuação. A idea que na curia se fazia do futuro bispo de Coimbra, Fr. João Soares, então simples agustiniano, já anteriormente vimos qual fosse. (1) Seguiam-se na apreciação dos informantes, outros dous agustinianos, Fr. Francisco de Villafranca e Fr. Luiz de Montoia, ambos castelhanos, e prégadores de voga, sobretudo o Villafranca. O Montoia passava por homem de vida mais ajustada que o Villafranca, mas este dominava-o inteiramente. Gosavam ambos de grandes creditos para com o rei e pessoas poderosas. Outro frade, Fr. Jeronymo de Padilha, (2) dominicano hespanhol, influia na corte de Portugal. Era homem de letras e prégador, mas amigo da novidade e audaz. Practicava violencias como reformador dos dominicanos, desobedecendo aos mandados apostolicos, pelo que fóra excomungado; mas continuára a exercer o seu ministerio, com desprezo das censuras. No meio, finalmente, d'estes prelados e regulares, mais ou menos mundanos, distinguia-se um jeronymita valenciano, Fr. Miguel, cuja vida passava por immaculada, e cuja austera franqueza no confessorario, era proverbial, fossem quaes fossem os penitentes, cousa — observavam as instrucções — rara entre frades. Confessor d'el-rei, fóra dispensado d'aquelle espinhoso ministerio, por não ter querido absolvel-o uma vez, inconveniente cuja repetição D. João III evitara, confiando d'ahi á frente o enuidado da propria salvação á consciencia mais larga de Fr. João Soares.

Dos fidalgos, dous havia, contra os quaes cumpria que se premunisse o novo nuncio. Eram elles o conde de Vimioso e o conde da Castanheira, D. Antonio de Ataíde, principal valido do rei. A idea que acerca de D. Antonio se inculcava a Luiz Lipomano, consistia em que devia consideral-o como um perverso com mascara de sancto, meio hypocrita pelo qual se tornava accedido aos frades, que de continuo rodeavam el-rei. Por intervenção d'estes, tanto elle como o Vimioso tinham adquirido muitos bens ecclesiasticos. Era uma circumstancia essa que os reduziria á obediencia, quando o nuncio quizesse fazer-se respeitar por elles.

N'aquella especie de revista economica e moral, falava-se largamente dos tribunaes superiores, cuja auctoridade se exaggerava, e contra cuja existencia cumpria que o nuncio mostrasse firmeza. Citavam-se as leis do reino contrarias á liberdade ecclesiastica e aos canones, e indicava-se, como exemplo dos abusos intoleraveis que se practicavam na administração da justiça, o serem obrigados os ecclesiasticos exemptos da jurisdicção ordinaria a responder perante um juiz secular, o corregedor da corte, de sorte que os clerigos obscuros ficavam gosando do seu foro, em quanto os privilegiados, os que eram eximidos por bullas pontificias da jurisdicção do respectivo diocesano, se achavam obrigados a litigar perante os magistrados civis, inimigos naturaes dos padres, e sem appellação para o papa. Ao mesmo tempo esses juizes eram commendadores e cavalleiros das ordens militares, pertencendo em rigor, por similhante titulo, ao corpo ecclesiastico, e todavia julgando em causas crimes contra as disposições canonicas. O proprio foro clerical se havia tornado uma cousa vã. Quando n'elle se resolvia algum negocio contra vontade do rei, expedia-se nma das chamadas cartas de camara, pela qual o pobre ministro ecclesiastico era mandado vir á corte fallar com sua alteza sobre materias de seu serviço. Mas o rei nunca lhe falava nem o despedia, de modo que muitos ahí consumiam sua fazenda, e até ahí morriam, sem chegarem a conclusão alguma. A mesma sorte esperava a qualquer membro da cleresia que mantinha as immuniidades, desobedecen-

(1) V. aut. T. 2 p. 220.

(2) Nas instrucções que vamos aproveitando frei Jeronymo é chamado constantemente *il Padeglier*; mas este não podia ser senão frei Jeronymo de Padilha. Sobre todos esses frades veja-se o Dial. V de Mariz (Reinado do D. João III ad finem).

do aos juizes leigos. Se queriam escapar a essa cruel servidão, cumpria a este sujeitar-se; aquelles revogar as proprias decisões. A Mesa da Consciencia, então instituída, era um novo escandalo que surgia. Creada como corpo consultivo para o monarcha saber quaes graças tinha em consciencia obrigação de conceder ou de negar, tornara-se desde logo em tribunal, onde se quebravam todos os fóros do clero, e se dispunha, em contravenção das leis da igreja e das resoluções pontificias, das cousas ecclesiasticas. Outros excessos do governo portuguez, que feriam a auctoridade da sé apostolica, eram o ter abandonado aos mussulmanos Çafim e Azamor, o enviar por conta propria ao Oriente carregações de bronze, que os principes infieis convertiam em artilheria, e o haver celebrado, conforme se dizia, paz com os turcos, para manter a qual se lhes pagariam parcas no valer de cem mil ducados annuaes, tendo-se incluído nos beneficios da convenção os estados de Carlos V, mas ommittindo-se os do pontífice, agora que a situação era mais critica, e isto sem dar conta de cousa alguma á sé apostolica, de quem aliás se impetrara permissão para se poder negociar com a Turquia.

O estado politico e economico de Portugal n'aquella epocha é descripto na minuta das instrucções ao bispo de Bergamo com as mais sombrias cores (1). A realidade dos factos era que o paiz se achava reduzido a taes termos, que se podia dizer quasi exaustão de forças. O rei, alem de estar pobrissimo, com uma enorme divida publica dentro e fóra do reino, e de ser obrigado a pagar avultadissimos juros, era detestado pelo povo e ainda mais pela nobreza, não porque fosse de má índole, mas em razão dos conselhos que lhe davam e das obras que faziam os que o rodeavam. As questões com França, por causa das navegações e conquistas e de alguns negocios de familia em que andava envolvido o imperador Carlos V, toldavam tristemente os horizontes da politica externa, a ponto que ameaçavam Portugal da ultima ruina. Isto que os homens de bem e sisudos previam e temiam, não mostrava prevêel-o nem temel-o el-rei. O seu systema era não recuar diante de nenhuma consideração nem perigo, e oppor a tudo vãos discursos, pensando aterrar com bravatas os adversarios. Esse deploravel systema não era, porém, senão o resultado das suggestões dos que o cercavam. Indicava-se por isso ao bispo coadjutor a necessidade de desprezar todos os fóros da corte de Lisboa nas questões em que convinha mostrar energia, e nesta parte appellava-se para o testemunho dos nuncios passados. Roma tinha de mais a seu favor tres circumstancias: um clero numerosissimo, a índole fanatica da plebe, e a propria hypocrisia do governo. Sobre o modo de tirar vantagem destes diversos elementos é assaz curioso um paragrapho das instrucções: «El-rei e seus irmãos—dizia-se ahí—quer o facto provenha dos frades com quem tractam de continuo e de cujas letras e consciencia se fiam, quer de alguns malvados com que se aconselham, nunca mostraram boa vontade ás cousas de Roma. Não deixam por isso de pol-as nas nuvens quando obtem alguma concessão, para fazerem melhor respeitar esta. Diz-se que a razão principal porque repugnam á nunciatura, é porque nunca lhes faltam bons desejos de usurpar a jurisdicção ecclesiastica, não tanto para se apoderarem dos bens da igreja, como para mandarem em tudo, pondo e tirando prelados e preladas das corporações regulares segundo as suas conveniencias, chamando os clerigos aos tribunaes civis, com outras exorbitancias analogas. Todavia não ha a menor duvida de que se podem oppor barreiras a estes desconcertos, vista a ostentação que fazem de não procederem senão por conselho de religiosos e por serviço de Deus e de sua sanctidade (2) e attenta a índole do povo portuguez, tão obediente á sé apostolica e tão religioso, com o qual seria arriscado graça-ear em taes materias. Com estes dois elementos, havendo nuncio devidamente auctorizado, o governo ver-se-ha constringido a seguir o bom caminho, salvo se os que rodeiam o soberano perceberem que lhes tem medo, porque nesse caso usurparão a Roma tudo o que podem, em quanto lh'o tolerarem. O que é certo é que a nobreza e grande parte do povo não podem de modo algum desembaraçar-se das mãos da curia romana nem moverem-se independentes della; porque quasi todos, ou por commendas, ou por beneficios, ou por bens emprazados, ou por parentes clerigos, comem redditos ecclesiasticos com bullas e provisões pontificias, sem as quaes ninguém se julga seguro, do que podem dar testemunho os nuncios anteriores e a Penitenciaria, não havendo a mais pequena duvida sobre qualquer objecto, acerca da qual não queiram provimentos e despachos da chancelaria apostolica.»

Estabelecidos assim os factos, o redactor daquelles apontamentos tirava-lhes as consequencias practicas. Supposta a decadencia do paiz, a habilidade consistia em aproveitar as circumstancias para da propria miseria publica extrahir ouro. Os alvitres eram muitos, e delles indicaremos os que parecem mais notaveis. Os commendadores das ordens militares dentro de oito mezes depois de providos eram obrigados a tirar breves de confirmação e a

(1) Este quadro acha-se quasi no fim das instrucções, mas ahí mesmo se nota que *quello che si doveva dir prima dirò per ultimo*. Resumindo-as, não seguimos as instrucções senão quanto á substancia das idéas, e não quanto á successão d'ellas por ser em extremo desordenada.

(2) Quem está habituado á linguagem devota dos documentos officiaes e correspondencias diplomaticas da epocha de D. João III não pôde deixar de reconhecer a exactidão d'estas observações.

pagar os emolumentos da camara apostolica. A maior parte delles não o tinham feito, e as rendas de todo esse tempo pertenciam por direito á sancta sé. Era uma mina a explorar que valia mais de cem mil escudos. A união de rendimentos de igrejas ás commendas da ordem de Christo em tempo de el-rei D. Manuel fora concedida com a limitação de não excederem esses rendimentos distrahidos da sua legitima applicação, a vinte mil ducados, e todavia excediam agora a oitenta mil. Querendo o papa revogar aquella união, o clero hierarchico pagaria uma composição avultadissima, e não querendo senão reduzir as cousas aos termos da concessão primitiva, ainda assim o clero curado pagaria uma grossa quantia ao papa. Lembra-se tambem que se poderia conceder aos clerigos a faculdade absoluta de testarem pagando uns tantos por cento á camara apostolica. Era cousa de render muito dinheiro, porque se removeriam os inconvenientes e questões que se levantavam sobre as heranças dos ecclesiasticos, e assim os herdeiros soffriam de boa vontade o encargo para evitarem demandas e vexames do fisco. Sendo enorme peccado subministrar ou vender aos infieis armas ou munições para hostilizarem os christãos, e tendo a igreja fulminado terriveis censuras contra qualquer trafico de tal ordem; sendo tambem certo que a exportação de bronze para o oriente, feita por conta da coroa de Portugal, dera em resultado haver já principes asiaticos que tinham mais numerosa artilheria do que o proprio imperador ou que el-rei de França, era evidente que destas circumstancias se aufeririam extraordinarios proventos se fossem habilmente aproveitadas. O negocio do bronze era assaz importanté para a coroa portugueza, e o damno que delle provinha ao christianismo grandissimo e indubitavel. O perdão quanto ao passado não se podia vender barato, e um grande mal para a igreja catholica não se podia auctorisar por insignificante preço. Era necessario que saísse cara á corte de Lisboa a remissão da culpa commettida e o habilitar-se para continuar n'um commercio peccaminoso que assim se transformaria em excellente veniaga para a curia. Outro alvitre se offerencia como de não menor interesse. Havendo em Portugal muitos prazos ecclesiasticos em vidas, e desejando vivamente os emphyteutas ou colonos convertel-os em fateosins perpetuos, o nuncio devia ser auctorizado para essa conversão. Concedendo-a, o colono pagaria de bom grado qualquer taxa que se lhe exigisse pelo beneficio: se, porém, o individuo ou corporação a quem o predio pertencesse se oppozesse a isso, tambem se podia negar a conversão, conforme o que rendesse mais; porque os directos senhorios não deviam obter de graça a certeza de consolidarem o dominio util no fim das vidas em que andasse o prazo. Afigurava-se este negocio ao redactor das instrucções como de grande vulto; mas recommendava-se ao nuncio que não fizesse ruido com elle, e que fosse tractando das questões de conversão ou não conversão á medida que se fossem suscitando, acaso porque se devia temer a justa intervenção do poder civil n'um objecto, que tão gravemente podia influir na propriedade territorial.

Tacs eram as astucias, conforme se pensava na curia romana, com que ainda se poderiam tirar grossas sommas de um povo exaustão. Não particularisaremos diversas advertencias de menos substancia feitas ao nuncio sobre o modo da sua entrada, sobre o seu futuro procedimento em Portugal e sobre outras materias. O que fica dito basta para mostrar a idéa que se fazia em Roma d'este paiz, e quaes eram as intenções e os desejos da curia pontificia acerca d'elle. A parte das instrucções relativa aos christãos novos é o que particularmente nos interessa e que vamos extractar. Ahí acharemos os ultimos toques do triste quadro, desenhado neste notavel documento, da decadencia moral e material a que n'aquella epocha de profunda corrupção se tinha geralmente chegado.

Na opinião do redactor dos apontamentos o nuncio devia trazer a bulla declaratoria promettida aos christãos-novos, sobre cujo conteúdo não se podiam admitir mais controversias, visto que não continha na essencia senão o que, depois de vivos e longos debates, a corte de Portugal accetara por orgão do seu ministro D. Pedro Mascarenhas. Cumpria que o nuncio a intimasse ao infante D. Henrique sem pedir beneplacito regio, nem dar o motivo por que se demorara a sua expedição, e respondendo a todas as objecções que era aquella a resolução definitiva de sua sanctidade, e que podiam requerer-lhe directamente se quizessem. Da publicação solenne da bulla é que devia abster-se, embora os medrosos conversos insistissem n'isso, porque semelhante acto de nada lhes servia, e era affrontar elrei e seus irmãos ante o povo. Passar certidões d'ella a todos os que as quizessem para a poderem invocar onde lhes conviesse, eis o que unicamente importava para que se não podesse proceder contra elles senão na fórma da nova bulla. As instrucções acrescentavam:

«Elrei, segundo se diz, tem muito a peito este negocio dos christãos novos, e tanto elle como o infante D. Henrique desejariam bem que não houvesse quem acerca d'isso lhes tomasse contas. Se acharem meio de vergar o animo do nuncio, não deixarão de o tentar. Por isso convem que este vá e lhes falle com resolução, e que leve poderes para suspender e até para abrogar a Inquisição, mostrando esses poderes a quem lhe parecer, e provando aos interessados na existencia d'ella que em suas mãos está dar cabo de uma cousa que tanto estimam. Cumpre tambem que saiba o nuncio ser voz constante que o in-

fante D. Luiz é um furioso (1) em manter o novo tribunal, e em fazer que elle seja severissimo, porque o imperador assim lh'o ordenou positivamente. Tem este para isso varias razões. As principaes são temer que, reprimida a Inquisição portugueza, venha o exemplo a ser fatal para a hespanhola... A outra razão que move o imperador, é que, estabelecida em Portugal a Inquisição, perdem essa acolheita os castelhanos perseguidos, e por tal modo tanto estes como os portuguezes se refugiam, aqui ou acolá, em terras do imperio ou d'elle dependentes, havendo já em Flandres um grande numero de foragidos, que abrem as bolsas quando assim é preciso.»

Continúa.

A. HERCULANO.

ROMANCE.

JORGE.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

IV

D. Catharina antes de morrer pediu ás pessoas que a cercavam que a deixassem alguns instantes só com seu filho. Esta derradeira confidencia, este ultimo e suspirado adeus foi longo. Anhelante, suspensa, entre a morte, e a vida Julia e o resto da familia esperavam fóra. A porta do quarto abriu-se, e Jorge desfigurado, com o suor da agonia a escorrer-lhe da fronte appareceu. Julia então precipitou-se no quarto de sua mãe, D. Pedro e os demais foram em seguida.

Palavras entrecortadas em que se implorava do irmão que não desamparasse nunca os seus filhos, depois mais proferidos com o alento do que com a voz, os nomes de Jorge e de Julia, e em seguida aquelle ultimo cortado e angustioso suspiro em que a vida se esvae de todo.

O caracter de Jorge mudára completamente. A expressão de alegria intima que lhe illuminava o rosto desaparecera, e desde então o reflexo de uma dor profunda, o desgosto, e enfado por tudo quanto na juventude absorve as paixões do homem, respirava nas suas poucas palavras, e no seu semblante abatido. Julia que elle amava com loucura, seu tio a quem devia o extremo affecto de pai, até a prima, aquella casta pomba a quem o mancebo queria com o mais puro do seu coração, procuravam debalde arrancar-lhe daquelle pesada e inerte tristeza, sob o peso da qual vergavam todas as faculdades do seu caracter energico.

Dois annos correram assim. Na vespera do dia em que acabamos de ver, o mancebo dera parte aos seus haver se resolvido a fazer uma viagem.

Agora se o leitor quizer descer connosco ao jardim fará conhecimento pessoal com dois personagens que apenas conhece de nome: D. Pedro de Athayde, e seu filho Fernando. D. Pedro era um homem alto, de figura distincta, manceiras da mais escolhida sociedade, intelligente, espirituoso, e com uma expressão de excessiva bondade na phisionomia.

Fernando um gentil rapaz de 17 para 18 annos, elegante, alto, cheio de sensibilidade e intelligencia. Criado desde pequeno ao pé de Julia, a delicada e extrema amizade de irmão que lhe votára em creança transtornou-se em amor quando chegou a homem; Julia da sua parte morria pelo primo, o primo quasi irmão com quem fóra creada, e a quem cuidava votar o mesmo affecto do que a Jorge; este todavia não era bem igual.

Uma tarde que o rouxinol no vizinho bosque de laranjeiras improvisava a sua desgarrada canção do despedir do dia, em que a brisa suspirava pela balsa, onde a madresilva, e a rosa brava se ostentavam fragantes, Fernando disse-lhe o quer que fosse em voz mais baixa, ella estremeceu, affrontaram-se-lhe subitamente as faces de rubor vivissimo, e cravou por instantes os bellos olhos no chão; quando os tornou a erguer, foi para os fitar requebrados e languidos nos olhos do mancebo, e se os labios timidos recusaram proferir aquelle embora sabido, mas sempre delicioso *amo-te*, o olhar onde estava fallando a alma,—dizia tudo.

Dous dias depois estava justo o casamento de Julia e Fernando, esse dia foi um dia de intimo e verdadeiro prazer para Jorge.

Voltemos agora a acompanhar os nossos personagens: Subindo de vagar a espaçosa escada de pedra, parando de degrau em degrau, D. Pedro fallava animadamente com seu sobrinho.

Quando chegaram acima dirigiram-se ambos para um gabinete particular; Fernando, Julia, e Carlota precedidos pela respeitavel figura de uma ingleza, que os tinha creado a todos, foram para a sala.

O gabinete para o qual se encaminharam os dous, era o quarto em que D. Catharina passava parte das horas do dia ordenando os negocios de sua casa, trabalhando com a assiduidade e intelligencia de um homem habil e activo. A mesma cadeira de braços em que ella costumava sentar-se, o bufete em que escrevia, emfim todos os simples, mas elegantes moveis d'aquella breve aposento estavam do mesmo modo ainda; só havia de mais ali o retrato de D. Catharina, habilmente desenhado por um pintor italiano.

(1) É mello arrebiado.

Jorge fitou os olhos no retrato de sua mãe, depois cravou-os no chão, desalentados e tristes.

Houve um momento de silencio, D. Pedro foi o primeiro a quebrar-o.

— Tu estás com 20 annos, até agora não quizesse saber ainda de nada do que te pertence, espera, ouve homem, sei que depositas em mim uma confiança illimitada, conheço o teu coração, sei tudo, mas ouve, eu não posso deixar de dar-te contas exactas de quanto te pertence.

Aqui tens, examina estes papeis, faz de conta que estás emancipado, és senhor de ti, e do que é teu, podes fazer o que quizeres.

As propriedades da Beira couberão-te em partilha, os predios ruraes, e urbanos de Villa do Conde são tambem teus, esta casa e esta quinta pertencem-te com a parte de dinheiro correspondente á de tua irmã.

Jorge estava calado, virava de um para outro lado maquinalmente o caderno que seu tio lhe havia dado, respondia sim ou não indistinctamente, e percebia-se-lhe bem que o seu espirito estava muito longe d'aí.

— Ora diz-me, tens promptas todas as tuas disposições de viagem?

— Todas, creio que sim, o tio já mandou ordem para me darem dinheiro em Paris, e em Londres?

— Já.

— Letra aberta?

— Sim, e a partida sempre é amanhã?

— As 7 da manhã.

— Bem, agora ouve.

E D. Pedro fallou larga, e acaloradamente com seu sobrinho. Conselhos filhos do affecto paternal que lhe votára, observações sensatas, sobre os perigos que apresenta a vida d'aquelle grande mundo, em fim tudo quanto suppoz poder ser util para o mancebo, tudo lhe disse com aquella intelligencia, e bondade que o caracterisavam.

Jorge levantou-se, foi abraçar-se a elle, depois, um momento antes de retirar-se, dirigiu-se ao lugar em que estava a pequena moldura que continha o retrato de sua mãe, D. Pedro tirou da gaveta uma caixa de veludo roxo, Jorge fechou dentro d'ella o retrato e saíu.

— Adeus Julia, Carlotinha, até amanhã, disse este chegando-se á porta da sala.

— Então já te vaes, exclamou Julia correndo para elle.

— Sim, tenho que fazer em Lisboa, mas volto amanhã, descansa, tu veas Fernando, dou-te lugar no carro...

— Vou.

— Então vamos que são horas.

Quando iam a partir Carlota trepada ás grades da janella bradava!

— Até amanhã sim, então não falta, não primo Jorge?

— Não, não, socega; adeus Julia, adeus...

A egua mettu a trote largo, e dentro de poucos minutos o *tilbury* desapareceu na volta da estrada.

Continúa

BULHÃO PATO.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRA PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.—LIVRARIA, RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, publicou-se o 7.º n.º do 13.º vol., 5.º da presente serie.

Além das obras já annunciadas no 1.º numero d'este jornal, ha já publicadas as seguintes:

A REDEMPÇÃO, comedia-drama em 3 actos, por Ernesto Biester, precedido de um prologo por J. M. da Silva Mendes Leal Junior. Preço 760

DOIS CASAMENTOS DE CONVENIENCIA, comedia em 3 actos por Luiz Augusto Palmeirim 400

UMA VIAGEM Á INGLATERRA, BELGICA E FRANÇA, por José Mesquita da Roza. 200

Estas obras e todas as mais do Editor, acham-se á venda em casa dos srs. correspondentes da ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.

FREDERICO II DA PRUSSIA.

Frederico appellidado o magno ou grande, succedeu a seu pae Frederico Guilherme em 1740 quando contava 28 annos de idade, pois nascera em 1712 em Berlin. Logo no mesmo anno em que subira ao throno e depois da morte do imperador Carlos VI, que deixara por successora sua filha Maria Thereza, aproveitando-se Frederico



Frederico II da Prussia.

da situação difficil em que viu collocada esta princeza, renovou antigas pretenções acerca da Silesia invadindo esta provincia e fazendo conf que lhe fosse adjudicada em 1742 pelo tratado de Breslau, em virtude do qual abandonou perfidamente a França sua alliada, que andava então em guerra com a Austria.

Querendo o governo de Maria Thereza em 1744 recuperar a Silesia, Frederico outra vez se poz em campo, e ganhou no immediato anno contra o principe Carlos de Lorena general das tropas imperiaes, a victoria de Friedberg, que foi seguida do tratado de Dresda, pelo qual se lhe confirmou a posse da provincia litigiosa.

No decurso dos dez annos de paz que a Prussia depois gozou, floreceram sob a protecção e sabias providencias de Frederico o commercio, a industria, as artes; e receberam grande impulso as sciencias e letras, que elle proprio cultivou com vantagem e applauso; chamou á sua corte Voltaire, Diderot, D'Alembert e outros escriptores distinctos, com quem teve trato litterario e amizade; finalmente elevou o seu reino a tal auge de gloria e prosperidade que ás outras potencias causou inquietação e receios.

Em 1756 começou a guerra denominada dos sete annos; a França, a Austria, a Saxonia, a Suecia e a Russia colligaram-se contra Frederico, o qual só contava um alliado pouco seguro, a Inglaterra. Não obstante esforços inauditos, coroados algumas vezes de resultado propicio, achou-se, ainda que por tempo breve, expulso da maior parte do seu reino; mas, restaurou-a de prompto aniquilando em Rosbach (em 1757) os exercitos francez e austriaco, commandados pelo marechal de Soubise. Reconquistou quanto havia perdido, e em 1763 assignou-se a paz que assegurou de novo á Prussia a posse da Silesia.

Tendo saído assim vencedor dessa longa e porfiosa guerra, voltou a sua attenção para os negocios internos do reino, onde proceden por taes actos e medidas que fizeram renascer á abundancia e a prosperidade. Em 1772, por occasião do desmembramento e partilha da Polonia, augmentou os seus dominios com a Prussia occidental, e morreu em 1786 tendo ganho a reputação de um dos monarchas mais insignes dos tempos modernos, e dos capitães mais peritos e experimentados, que Napoleão I reconheceu como mestre da arte da guerra.

Frederico deixou muitos escriptos tanto em prosa como em verso, todos em francez, sua lingua predilecta. Foram colligidos em 23 volumes de 8.º Amsterdam 1790. Uma edição completa das suas obras foi ordenada pelo governo prussiano, começando em 1840 anniversario secular da coroação do grande Frederico, cuja vida foi largamente escripta pelo litterato italiano Denina na lingua franceza.

QUADRO SACRO.

O Quadro Sacro—É este o titulo de uma primorosa lithographia devida ao habil lapis do distincto artista Mr. Maurin.

Representa o conselho em que foi julgado Jesus Christo. O Divino Salvador, cuja sublime physionomia respira a mais ardente caridade e a mais perfeita resignação, sentado sobre uma pedra, tendo por sceptro a cana verde, e por coroa a de espinhos, aguarda a sentença de seus iniquos juizes. Preside ao conselho o sanguinario Caiphaz e ao lado d'elle observa-se o Prefeito da Judea, Pilatos, que por sua pusillanidade foi arrastado a proferir a condemnação do Homem Deos.

Este quadro, notavel, tanto pelo objecto como pela correção do desenho, é copia de uma d'essas excellentes gravuras do seculo passado, que hoje ainda são tidas em grande apreço; e dá uma vantajosa ideia do aperfeçoamento da lithographia em Portugal.

Julgamos desnecessario recomendar mais esta obra; a geral acceitação com que tem sido recebida do publico e o interesse com que tem sido procurada, são a sua melhor apologia.

Vende-se nas lojas do costume pelo modico preço de 1000 réis.

NOTICIARIO.

As questões politicas do nosso paiz que nos parecem improprias de um jornal da natureza do nosso, desmerecem além disso pelo atrazo e forçosa restricção com que são publicadas. Daremos d'ora avante só as que se referirem a assumptos economicos ou factos de grande vulto que possam referir-se singelamente.

Tomamos nós saber noticias do progresso das obras do caminho de ferro do Barreiro por ahí adiante, e que as possessemos dar d'estas, e outras importantes obras publicas, bem satisfactorias para os nossos leitores e de credito e gloria para os empregarios.

Não nos deixando os rigores da estação, apraz comtudo ver que a caridade publica se desenvolve a bem dos indigentes em actos que honram as auctoridades, os parochos, e as almas bemfazejas, que se tem empenhado em minorar com socorros as victimas d'este calamitoso tempo, em que o operario valido deseja mas não pode empregar seus braços.

Reservando para esmolas a despeza, deixa de fazer n'este anno a ordem seraphica de S. Francisco sita na igreja de Jesus a sua procissão de penitencia, que antigamente sahia nas terceiras sextas feiras da quaresma, e que depois de uma interrupção de 22 annos só no passado se repetiu; justo é o motivo e santa a applicação que desvia no presente anno as despezas d'aquelle acto de exterior aparato do culto, aliás religioso e grave, porque a ordem usa fazer as suas funcções com toda a decencia.

A Academia Real das Sciencias de Lisboa nomeou para seu membro com feliz escolha o Ex.º sr. Manuel da Silva Passos, como socio effectivo na classe das Sciencias moraes e politicas e de Bellas Letras.

Publicou-se o 1.º volume das obras completas do patriarcha de Lisboa, cardeal Saraiva, D. Francisco de S. Luiz, cujo nome basta para convidar á leitura dos escriptos agora publicados, que na maior parte são obras posthumas, sahindo á luz por diligencia e sob a inspecção do sr. Doutor A. Correia Caldeira, sobrinho do auctor. Este primeiro volume, de perto de 500 paginas em oitavo real francez (como serão todos os dez a doze tomos de que constará a colleção) comprehende os Estudos sobre diferentes pontos historicos em diversos reinados de Portugal até ao seculo XVI.

Á congregação dos ritos em Roma foi presente ha pouco tempo uma proposta para a beatificação da rainha Maria Christina, de Napoles, filha do rei Victor Manuel I, de Sardenha, e primeira mulher do rei de Napoles actualmente reinante, a qual falleceu em 1836. Assim o escreve a *Presse* parisiense, que designamos por esta circumstancia de localidade para distinguil-a dos jornaes que com o mesmo nome se publicam em Vienna d'Austria e Londres, sendo aquelle tambem em francez. M.

Do n.º 8 da ILLUSTRACÃO em diante, a publicação será feita impreterivelmente todos os sabbados. A Direcção da folha foi entregue ao sr. L. A. Rebello da Silva.